



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Lívia Sales de Mello Franco

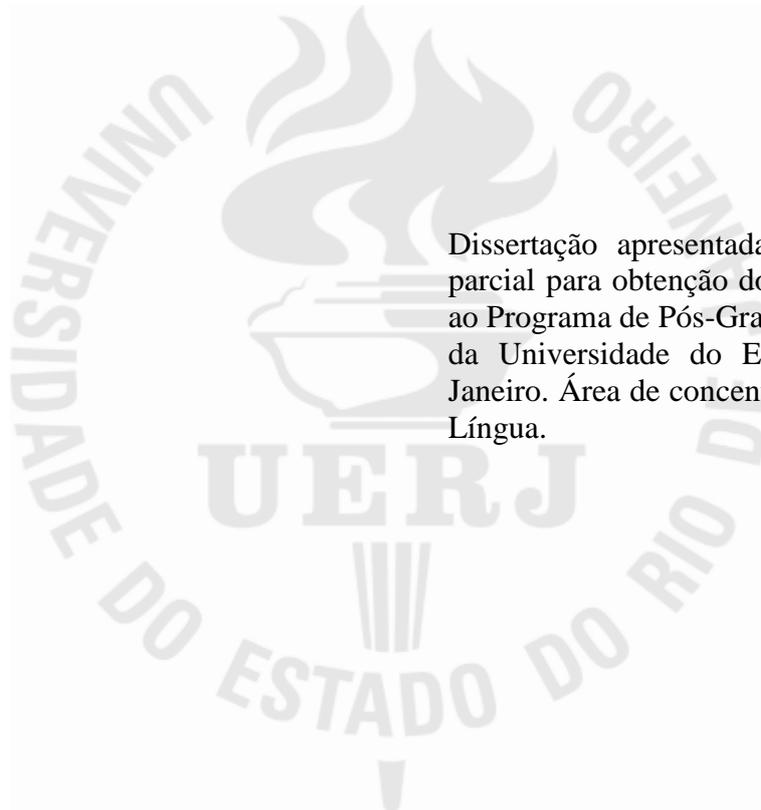
Discurso político no *Twitter*: como Marine Le Pen pensa a imigração

Rio de Janeiro

2020

Lívia Salles de Melo Franco

Discurso político no *Twitter*: como Marine Le Pen pensa a imigração



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés

Rio de Janeiro

2020

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F825 Franco, Livia Sales de Mello.
Discurso político no Twitter: como Marine Le Pen pensa a imigração /
Livia Sales de Mello Franco. – 2020.
51 f.: il.

Orientadora: Tânia Mara Gastão Saliés .
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Linguística aplicada - Teses. 2. Análise crítica do discurso – Teses. 3.
Twitter (Rede social on-line) – Teses. 4. França – Emigração e imigração -
Teses. 5. Redes sociais on-line – Aspectos políticos - Teses. I. Saliés, Tânia
Mara Gastão. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de
Letras. III. Título.

CDU 801:82.085

Bibliotecária: Mirna Lindenbaum CRB7 4916

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Lívia Sales de Mello Franco

Discurso político no *Twitter*: como Marine Le Pen pensa a imigração

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 29 de maio de 2020.

Banca examinadora:

Prof^a. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés (Orientadora)
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Sandra Bernardo
Instituto de Letras - UERJ

Prof^a. Dra. Solange Vereza
Universidade Federal Fluminense

Rio de Janeiro

2020

RESUMO

FRANCO, Livia Sales de Mello. *Discurso político no Twitter: como Marine Le Pen pensa a imigração*. 2020. 51 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Esta pesquisa investiga o uso político-ideológico do *Twitter*, através de análises de tuítes de Marine Le Pen provenientes da conta pública @MLP_officiel. Dos dados surgiram as seguintes perguntas de pesquisa: De que maneira Marine Le Pen usa politicamente o seu *Twitter*? De quais estratégias discursivas ela faz uso para influenciar seus seguidores? Como ela pensa a imigração? Quais as possíveis consequências desses discursos? Tais perguntas visam cumprir objetivos de pesquisa que incluem: observar como se dá o uso político do *Twitter*; entender como Marine Le Pen categoriza a imigração; compreender se há estratégias de manipulação e quais seriam elas; refletir sobre as possíveis consequências e desdobramentos desses discursos. O trabalho insere-se no campo da Linguística Aplicada (LA) “indisciplinar”, seguindo a perspectiva de Moita Lopes (2006), prezando assim pela interdisciplinaridade e pela produção acadêmica potencialmente crítica e transformadora. Assim, a exemplo do que fizeram Lakoff (2016) e Hart (2010) em seus estudos críticos sobre os discursos políticos, proponho uma junção de Linguística Cognitiva (LC) e Análise Crítica do Discurso (ACD) no desenvolvimento das reflexões desta pesquisa. O arcabouço teórico do trabalho compõe-se, de forma interdisciplinar, dos conceitos de *frame*, metáfora e metonímia de teorias da LC, e da visão de ACD proposta por Fairclough (1992). Como conclusão das análises dos dados, percebi que existem estratégias cognitivo-discursivas que buscam vincular a imigração a aspectos negativos, como a violência, a falta de civilização e o tirar vantagem de uma situação. O discurso sinaliza que Le Pen parece querer convencer os eleitores de que existem riscos no acolhimento aos imigrantes, e que a melhor solução é rechaçá-los da França.

Palavras-chave: Marine Le Pen; imigração; linguística indisciplinar; análise crítica do discurso; linguística cognitiva.

RÉSUMÉ

FRANCO, Livia Sales de Mello. *Le discours politique sur Twitter: comment Marine Le Pen pense l'immigration*. 2020. 51 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Cette recherche examine l'usage politico-idéologique de *Twitter*, par des analyses des *tweets* de Marine Le Pen provenant de son compte public @MLP_officiel. Les problématiques soulevées par les données sont les suivantes: de quelles façons, Marine Le Pen utilise politiquement son Twitter ? Quelles sont les stratégies discursives auxquelles elle a recours en vue d'influencer ses électeurs? Comment elle pense l'immigration? Quelles sont les conséquences possibles de ses discours? Ces questionnements ont pour but d'accomplir les objectifs de recherches tels que: observer comment se fait l'usage politique de Twitter; connaître la manière dont Marine Le Pen catégorise l'immigration; découvrir s'il y a des stratégies de manipulation dans ces discours et lesquelles sont-elles; réfléchir sur les possibles conséquences et implications de ces discours. Ce travail appartient au domaine de la Linguistique Appliquée (LA) « indisciplinée », suivant l'idée de Moita Lopes (2006) selon laquelle la production académique se doit interdisciplinaire, critique et potentiellement transformatrice. Ainsi, ayant comme exemple les études de Lakoff (2016) et Hart (2010) dans leurs recherches critiques des discours politiques, on propose la jonction de la Linguistique Cognitive (LC) et de l'Analyse Critique du Discours (ACD) dans le développement des réflexions de cette recherche. La démarche pragmatique de cette étude est d'ailleurs interdisciplinaire et basée sur les concepts de *frame*, métaphore et métonymie des théories de la LC, ainsi bien que la vision d'ACD proposée par Fairclough (1992). Nous déduisons des analyses des données qu'il y existe des stratégies cognitives-discursives qui cherchent à véhiculer l'immigration à des aspects négatifs tels que la violence, le manque de civisme et la quête d'obtenir des avantages vis-à-vis d'une situation. Le discours donne l'indice que Marine Le Pen semble vouloir convaincre ses électeurs qu'il existe des risques liés à l'accueil des immigrants et que la meilleure option serait de les faire expulser hors de France.

Mots-clés: Marine Le Pen; immigration; linguistique indisciplinée; analyse critique du discours; linguistique cognitive.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO.....	6
1	ARCABOUÇO TEÓRICO: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD) E LINGUÍSTICA COGNITIVA (LC).....	12
1.1	Processos de categorização.....	15
1.2	<i>Frames</i>	16
1.3	Metáfora.....	17
1.4	Metonímia.....	17
2	O DISCURSO POLÍTICO NA LITERATURA: A ACD SOMADA A LC.....	19
2.1	Análise de discursos políticos em ACD.....	19
2.2	ACD e LC: por que agregá-las?.....	22
3	METODOLOGIA.....	30
3.1	Natureza da pesquisa.....	30
3.2	Corpus e contexto.....	31
3.3	Critérios de seleção.....	32
3.4	Procedimentos metodológicos.....	33
3.5	Conceitos norteadores da análise.....	33
3.6	Conselho de ética.....	35
4	O TWITTER DE MARINE LE PEN E A CONCEPTUALIZAÇÃO DE IMIGRAÇÃO.....	37
4.1	Tuíte 1: 23 de maio de 2019 – retuíte de @J_Bardella.....	37
4.2	Tuíte 2: 24 de maio de 2019 – irresponsabilidade imigratória.....	39
4.3	Tuíte 3: 24 de maio 2019 – imigração-submersão.....	42
4.4	Tuíte 4: 12 de julho 2019 – <i>Panthéon</i> e o movimento dos “gilets noirs”.....	43
	REFLEXÕES FINAIS.....	48
	REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

Meu interesse pelo discurso político no *Twitter* adveio de uma inquietação face ao poder que esse meio adquiriu nos últimos anos. Observei a decolada dessa rede social que pretendia, na sua origem, apenas propor um serviço de *status* móvel, no qual o utilizador poderia dizer, em poucas palavras, o que estava fazendo ou sentindo em um dado momento. Atualmente, além do público em geral, presidentes e políticos fazem uso de seus *Twitters* para expor seus planos de governo, suas opiniões e promover suas imagens face ao grande eleitorado. Entre tuítes sobre o fim do mundo, receitas de boa forma, críticas de livros, poemas, comentários sobre o futebol, encontramos tuítes mais sérios, que possuem um poder de ação no mundo muito maior que os outros, porque escritos por personalidades políticas de grande influência. Desse poder de agir no mundo para mudar, manter ou reverter situações da realidade política de um país ou do mundo, advém à periculosidade dos discursos políticos no *Twitter*.

Essa dissertação trata do tema da imigração dentro de um viés sociodiscursivo interdisciplinar que busca respaldo na Linguística Cognitiva e na Análise Crítica do Discurso para pensar a categorização do imigrante. Ou seja, analiso como os imigrantes são categorizados pelo discurso da extrema direita na forma de metáforas e metonímias, em um nível micro, partindo do texto dos tuítes, e o que isso acarreta política e socialmente, em um nível macro, político, social e ideológico. Mais especificamente, os tuítes elencados nesse trabalho tratam da imigração na França e foram selecionados do *Twitter* da representante da extrema-direita francesa Marine Le Pen, membro e fundadora do partido “Rassemblement National” (RN) – “União Nacional”.

A sociedade francesa é, aliás, como todas são, bastante complexa no que diz respeito ao entendimento de sua identidade. Assim, vendo as disputas políticas que acontecem a cada eleição, e tendo já, ministrado aulas sobre a cultura francófona (sou professora de francês da Aliança Francesa do Rio de Janeiro) e retornado à França em viagem, impressiona-me perceber como discurso que visa o “français de souche” – autêntico francês – ainda tenha lugar em uma sociedade tão miscigenada e rica culturalmente. O crescimento da extrema direita advém justamente desse discurso que cria fronteiras entre o que é autêntico e de direito, contra o que invade e não pertence, o imigrante.

Para investigar como o imigrante é categorizado no discurso de Le Pen, compilei os

seguintes dados: (1) um tuíte de 23 de maio de 2019 – retuíte de @J_Bardella, no qual ele trata da esquerda como ditadura da emoção; (2) um tuíte de 24 de maio de 2019, em que Le Pen trata da irresponsabilidade imigratória por parte do governo Macron; (3) um outro tuíte de 24 de maio de 2019, onde Le Pen fala em imigração como submersão dos sistemas sociais; (4) um último tuíte de 12 de julho 2019, no qual Marine Le Pen comenta a manifestação dos “sans papiers” (“sem documentos”) ocorrida no *Panthéon*. Os tuítes (1), (2) e (3) foram compartilhados em época de campanha política para as eleições do Parlamento Europeu, assim, todos terminam por #Le26MaiVotezRN (#Em26deMaioVotemRN – tradução própria), enquanto o último tuíte termina com #Panthéon.

A seleção desses tuítes de @MLP_officiel foi feita através da observação e da delimitação do tema: busquei um banco de dados composto por tuítes (ou retuítes – tuítes compartilhados de outros usuários do *Twitter* e aparecem em sua página principal) de Marine Le Pen - @MLP_Officiel que tratam do tema da imigração, seja com a palavra imigração em destaque ou que trate de algo relacionado, como migrantes, clandestinos, estrangeiros, ou algo que remeta de algum modo ao tema como por exemplo, acolher, expulsar, etc.

Ao ler e reler esses tuítes, algumas **perguntas de pesquisa** me ocorreram:

- a) De que maneira Marine Le Pen usa politicamente o seu *Twitter*?
- b) De quais estratégias discursivas ela faz uso para influenciar seus seguidores?
- c) Como ela pensa a imigração?
- d) Quais as possíveis consequências desses discursos?

Tais perguntas visam cumprir **objetivos de pesquisa** que incluem:

- a) Observar como se dá o uso político do *Twitter*;
- b) Entender como Marine Le Pen categoriza a imigração;
- c) Compreender se há estratégias de manipulação e quais seriam elas;
- d) Refletir sobre as possíveis consequências e desdobramentos desses discursos.

Essa pesquisa faz parte do que Moita Lopes (2006) considera como a **Linguística Aplicada** (LA) indisciplinar. Segundo esse autor, a LA deve ser indisciplinada no sentido de não seguir uma ideia positivista de pesquisa, que visa aplicar teorias puramente linguísticas em um objeto de estudo considerado fechado, descorporificado e situado em um vácuo sócio-histórico. A LA, ainda segundo Moita Lopes (2006), precisa da multidisciplinaridade de teorias para analisar os dados em sua complexidade, considerando as questões de ética e poder que estão sempre envolvidas. Assim, esse estudo se insere na LA que como um polvo possui tentáculos tanto da Linguística Cognitiva quanto da Análise Crítica do Discurso, como

explico a seguir.

Para responder às perguntas e atingir os meus objetivos, amparo-me na **Linguística Cognitiva (LC)**, segundo a qual a linguagem é uma evidência do sistema conceptual humano. Nessa perspectiva teórica, analisarei os *frames*, as metáforas e as metonímias presentes no discurso da política francesa. Esse aparato teórico combina discurso, cognição e sociedade para entender melhor como Le Pen constrói seu pensamento e categoriza os imigrantes e a imigração que hoje se dá na França e na Europa.

O meu trabalho faz igualmente parte do domínio da **Análise Crítica do Discurso (ACD)**, caracterizando-se assim como um trabalho crítico e reflexivo, interdisciplinar. Um dos principais autores que movem essa pesquisa é Fairclough (2001). Ele propõe em *Discurso e Mudança* que a variação no uso da linguagem é sistemática e acessível ao estudo científico. Segundo esse autor, a língua varia sistematicamente de acordo com a natureza dos participantes em interações, o tipo de evento social, os propósitos sociais das pessoas em interação. Isso porque o discurso (como havíamos sublinhado anteriormente) nunca é despropositado: não existem discursos neutros. A linguagem é uma forma de ação sobre o mundo e sobre os outros, como também uma maneira de representação – o discurso significa e constrói o mundo.

A prática discursiva, em Fairclough (2001), envolve os processos de produção, distribuição e consumo textual. No caso dessa pesquisa, o fato de serem tuítes de uma determinada autora, mulher representante política de um partido de extrema direita, pressupõe padrões de produção – número limitado de caracteres, linguagem menos rebuscada e mais direta, conteúdo relativo ao momento atual; de distribuição – trata-se de uma rede social, acessível a leitores do mundo todo, virtual e que demanda somente o acesso à internet; de consumo – o discurso visa os eleitores que utilizam o *Twitter*, sejam eles do partido da política, ou opositores dessa mesma política ou eleitores em dúvida.

Essa guerra por eleitores que ocorre nos discursos do *Twitter* me remete à metáfora criada por Hart (2010) na qual o autor apresenta a análise do discurso como um campo de batalha já que, de acordo com ele, a linguagem reproduz ideologias, estabelece e sustenta identidades sociais e ela pode produzir inadequações sociais, como no caso de discursos xenofóbicos ou racistas, nos quais alguns grupos são categorizados como inferiores ou não pertencentes ao sistema. Disso, ainda segundo Hart (2010) advém o importante papel dos trabalhos em análise do discurso, pois eles expõem as estratégias discursivas por trás de determinados discursos, que podem mudar as estruturas sociais.

Em seus estudos, Hart (2010) usou um modelo de análise que uniu a Análise Crítica

do Discurso (ACD) à Linguística Cognitiva (LC) para compreender o processo de criação de sentido, manipulação e promoção de ideologia que se dá no discurso político que envolve a imigração. Nesta dissertação seguimos um modelo semelhante. Os dados de Hart (2010) consistem de discursos de políticos que tratam da imigração no Reino Unido entre os anos de 2000 e 2006, período em que a restrição à entrada de imigrantes e a negação dos pedidos de asilo e regulamentação da residência aos estrangeiros sofreram um considerável aumento. Além disso, segundo Hart (2010), o tema da imigração foi central nas campanhas políticas de 2005, fato que tornou ainda mais importante a análise de seus dados.

Além de me interessar pelo discurso político no *Twitter*, ao perceber a crescente importância política e social da imigração no mundo, interessei-me pela temática e fiz dela o objeto desta pesquisa. Os dados são originários da França, mas se trata de tema que vem ganhando destaque político igualmente nos Estados Unidos e no Brasil. A escolha do meu arcabouço de Hart (2010), mencionado anteriormente, e de Lakoff (2016), teórico da LC que analisa os discursos políticos com as ferramentas da Linguística Cognitiva para explicar como os conservadores e os liberais norte-americanos categorizam e pensam a política e o mundo, além de evidenciar os estereótipos, as questões morais e as perspectivas que emergem desses dois campos dos discursos políticos.

Assim como fazem Hart (2010) e Lakoff (2016), a análise aqui empreendida envolve os conceitos de categorização, *frames*, metáforas e metonímias, dentro de uma perspectiva de análise crítica. Como defende Fairclough (2001), faço análises que partem do nível micro, do texto em si, para compreender as práticas sociais, as ideologias e manipulações que ocorrem no nível macro, político e social. Essa pesquisa conjuga a ACD e a LC na análise do discurso.

Dentro do campo da LC, os conceitos de *frames*, metáforas e metonímias são os norteadores. Segundo definições de Geeraerts (2006), em seu guia de Linguística Cognitiva, a linguagem é significado e significado em LC é imagem. As imagens, ou *frames*, são unidades simbólicas dotadas de forma e significado. Entendemos o mundo por *frames* – ou imagens em redes de esquemas dinâmicos. Por exemplo, ao pensar em pássaro, temos uma categoria mais prototípica (penas, bico, asas, animal que voa etc.) e outras mais afastadas dessa imagem central, como por exemplo, um *Pokémon* com penas.

Essas imagens, ou *frames*, se relacionam na criação de metáforas e metonímias. Em LC, mais que simples figuras de linguagem do campo da literatura, as metáforas e metonímias são vistas como fenômenos mentais, partes natas do pensamento humano. Na teoria da metáfora conceptual, as metáforas são projeções entre domínios, um domínio fonte em outro domínio alvo, frequentemente com a intenção de compreender o mundo abstrato pelo mais

concreto, o das experiências sensório-motoras. Por exemplo, Geeraerts (2006) explica que entendemos amor, um conceito abstrato, pela experiência da guerra. Assim, há a metáfora central de “amor é guerra” que pode ser observada em exemplos como – “ela lutou pelo amor dele”; “ele conquistou o seu amor”; “eles lutaram para ficar juntos”, entre outros.

As metonímias, diferentemente das metáforas que envolvem projeções entre dois domínios diferentes, são projeções dentro de um mesmo domínio e possuem uma função referencial. Por exemplo, podemos nos referir a um caminhão, ou uma moto, pelo som que ouvimos dos freios ou da sua buzina: “Olha o caminhão!”, de modo que tratamos do todo, o objeto em sua totalidade, por uma parte que o compõe – o som do motor, da buzina, da freada. Esses três conceitos são formas de categorização do mundo, explicam como organizamos nosso pensamento a respeito das coisas do mundo. Assim, nas análises dos tuítes de Marine Le Pen sobre a imigração, os *frames*, metáforas e metonímias presentes no discurso apontam para como ela pensa os imigrantes e a imigração. São constituintes centrais deste trabalho de pesquisa. Para explicar em detalhe o meu caminho de pesquisa, desde as características dos dados até os resultados, organizei a dissertação da seguinte forma: Introdução; Arcabouço teórico; Revisão de literatura; Metodologia; Análise de dados; Resultados.

A **Introdução** apresenta o contexto geral deste estudo: o tema tratado, as perguntas e os objetivos, além dos domínios chave da pesquisa e a natureza do estudo. Trata-se de um trabalho que se insere no campo da Linguística Aplicada (LA), com arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LC) para análise dos dados dentro de uma perspectiva da Análise Crítica do Discurso (ACD).

O capítulo **Arcabouço teórico** expõe as teorias da ACD de Fairclough (2001) e a LC que compõem as análises dos dados. Em ACD, explano os conceitos de discurso e poder de Fairclough (2001), e em LC discorro sobre os conceitos de processos de categorização, *frames*, metáforas e metonímias.

Em **Revisão de literatura**, abordo os trabalhos que foram feitos em ACD e LC na análise de discursos políticos, assim apresento as pesquisas de Fairclough (2001) e exemplos de suas análises do discurso político com viés filosófico, além de Hart (2010) e Lakoff (2016) com exemplos de análises do discurso dentro da LC.

Na **Metodologia**, explano sobre a natureza da pesquisa, contextualizo os dados e apresento os critérios de seleção e os procedimentos metodológicos da pesquisa. Além de retomar os conceitos norteadores das análises apresentados no capítulo Arcabouço teórico – *frames*, metáforas e metonímias. Concluo esse capítulo dissertando sobre as implicações éticas do trabalho e o conselho de ética.

O capítulo de **Análise de dados** mostra as análises dos tuítes selecionados de Marine Le Pen à luz da LC e da ACD. Como apresentado na metodologia, os dados são três tuítes do *Twitter* público @MLP_oficiel que tratam do tema da imigração, que estão acessíveis no site no momento da construção dessa dissertação. Analiso os gatilhos discursivos presentes nos tuítes e os *frames*, metáforas e metonímias que eles evocam.

O capítulo **Resultados** aponta possíveis ideias de respostas às perguntas de pesquisa em busca de atingir os objetivos de pesquisa. Saliento que parto de uma perspectiva não essencialista; não entendo haver uma verdade absoluta, mas sim várias possibilidades de se ver uma mesma realidade. Assim, não tenho pretensão de dar respostas reducionistas ou fazer análises que se pretendam únicas, mas elaborar um caminho de pesquisa no qual me implico no processo de investigação, tendo claro que a minha forma de interpretar o fenômeno é individual, contextualizada, social, cultural e vinculada intimamente ao momento histórico.

Acredito que a linguagem cria a realidade social ao mesmo tempo em que é criada pela realidade social. Trata-se de um caminho de mão dupla, na qual a linguagem é capaz de controlar, subverter, produzir e mudar a organização social, ao mesmo tempo em que é moldada pela realidade social. Trata-se de um lugar de exploração e luta. Como pesquisadora, percebo a minha voz e escrevo a partir de uma posição sociocultural bem marcada: sou brasileira, vivi na França, ministro aulas de francês para estrangeiros. Ou seja, analiso meus dados de pesquisa de uma perspectiva específica, que conjuga todas as experiências por mim anteriormente vividas, inclusive algumas pertinentes ao contexto político brasileiro, também afetado pelo fenômeno dos discursos políticos no *Twitter* e por debates relativos à imigração.

1 ARCABOUÇO TEÓRICO: ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO (ACD) E LINGUÍSTICA COGNITIVA (LC)

Norman Fairclough e Isabela Fairclough (2018), em um artigo intitulado *A procedural approach to ethical critique in CDA*, refletem sobre as bases de suas análises críticas do discurso político, suas limitações e desafios. Segundo esses autores, todos nós fazemos análises críticas de discursos na nossa vida cotidiana: achamos razões a favor ou contra diferentes acontecimentos que nos rodeiam, tomamos decisões e buscamos alternativas. Assim, a análise crítica do discurso não é uma exclusividade da academia e da Análise Crítica do Discurso (ACD), mas faz parte naturalmente dos discursos de forma geral e do nosso dia-a-dia. No entanto, nossas reflexões no correr de um dia ordinário não são passíveis de serem chamadas de acadêmicas. O que diferencia então a análise crítica ordinária da ACD?

O autor Norman Fairclough (2001) em sua teoria social do discurso explica que o uso da linguagem é moldado socialmente e não individualmente e que a variação do uso da linguagem é sistemática e, portanto, acessível ao estudo acadêmico. O que torna a linguagem sistemática é a sua correlação com diferentes aspectos e como o seu uso muda dependendo da relação entre os participantes nas interações; do tipo de evento social; dos propósitos das pessoas na interação. Do mesmo modo, um exemplo seria o aperto de mão entre amigos, que não é o mesmo que o entre Barack Obama e Fidel Castro, há muitas camadas de significação que emergem desses dois encontros que não são equivalentes.

As interpretações despreziosas que fazemos ao longo da vida, mesmo que muitas vezes ricas e pertinentes, não partem de um método, de um sistema de regras e ideias que norteiam as nossas avaliações. Como vimos acima na explicação de Fairclough (2001), o discurso é sistemático e pode ser analisado dentro de parâmetros precisos de análise. A ACD não deve ser uma simples interpretação de texto de um leitor comum, mas um trabalho que considera aspectos envolvidos na criação dos discursos.

Fairclough (2001) delimita três aspectos que influem na constituição dos discursos: as identidades dos participantes (quem fala?) – função identitária; as relações sociais entre as pessoas (de onde falam? Como se relacionam no evento?) – função relacional; e os conhecimentos e crenças envolvidos (como os textos significam o mundo e as relações entre as pessoas?) – função ideacional. Isso porque, segundo ele, os discursos não emanam de um livre jogo de ideias nas cabeças dos indivíduos, mas das práticas sociais concretas, materiais

com orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas fortemente enraizadas nas estruturas sociais.

Ele divide igualmente o discurso em três camadas, em uma concepção tridimensional, sendo elas: a prática social, a prática discursiva e o texto. A prática social é algo que as pessoas produzem ativamente com base em procedimentos partilhados socialmente e de senso comum. Esse seria o nível macro do discurso. A prática discursiva se relaciona com a produção, a distribuição e o consumo dos discursos. Já o nível micro seria o texto. O trabalho do analista é levar em consideração todos os aspectos envolvidos no discurso – ele deve descrever os aspectos textuais (micro), como vocabulário, gramática, coesão, por exemplo; os aspectos discursivos, como a força dos enunciados, a coerência entre eles, a interpretação do que se falou para finalizar em um nível macro de análise, com o questionamento da prática social e seus objetivos.

Essas camadas podem ser representadas pelo esquema na Figura 1:

Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso segundo Fairclough.



Fonte: A autora, 2020.

A prática discursiva dinamiza as práticas sociais, cabe aos analistas deixarem claro como isso se dá no texto, que é o nível micro do discurso. Além disso, quando um discurso é produzido, diferentes aspectos estão envolvidos na sua produção. Ele pode ser uma prática política transformadora ou mantenedora de uma classe, de um bloco, de uma comunidade. Segundo Hart (2010), o papel do analista do discurso dentro da perspectiva da ACD é o de identificar as manipulações discursivas e desvendar o que se esconde ao olhar do não *expert* na linguagem usual.

Como ele mesmo contextualiza, a ACD é um ramo da Linguística Aplicada (LA) que surgiu com os estudos de, entre outros que os antecederam, Roger Fowler, Norman Fairclough, Teun van Dijk and Ruth Wodak. Não se trata de uma teoria, mas de um grupo de teorias, embasadas por diferentes metodologias, e que têm em comum o fato de serem análises críticas de discursos associada ao que ele chama Linguística Crítica.

It is surely the task of Critical Discourse Analysts, as experts, to identify manipulation and ideology in text that is 'below the threshold of notice' (Fowler 1991: 66). The role of the Critical Discourse Analyst, who, as linguist or

psychologist, is equipped with the theoretical tools required to look behind language use, is to use their expertise to bring to the level of public consciousness instances of manipulation and ideology not immediately apparent to average readers, thus empowering them with a new critical awareness. (Hart, 2010, p.5)¹

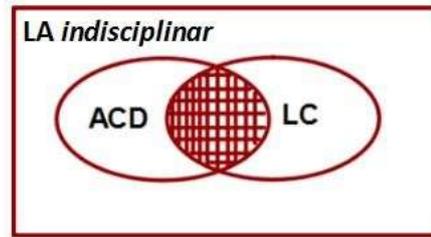
Assim, Hart (2010), em seus estudos, é como um polvo dotado de vários tentáculos teóricos. Suas análises são do campo da Linguística Cognitiva, pois ele utiliza as teorias das metáforas, *frames*, entre outras desse campo do saber, mas também são do campo da ACD, pois faz análises críticas dos discursos inserindo a sua perspectiva no trabalho sistemático que parte do micro ao macro, e são, também, finalmente, parte do grande campo da Linguística Aplicada (LA), por investigar a linguagem cotidiana de maneira transdisciplinar.

Segundo Moita Lopes (2006), em tempos de intensa efervescência política, cultural, social e histórica como é a pós-modernidade, há a demanda por novas perspectivas teóricas que reconsiderem as formas de produção de conhecimento nas ciências sociais. Assim a LA “indisciplinar”, no sentido de uma LA múltipla e capaz de interferir na realidade, é propícia à promoção de diálogos entre campos e pensadores, ao mesmo tempo em que abre espaço de fala para os pesquisadores como sujeitos críticos e revolucionários.

Metologicamente, uma análise crítica do discurso pode seguir diferentes concepções. No caso da minha, optei pelo arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, a exemplo do que faz Hart (2010). Esquemáticamente, minha pesquisa pode ser definida metodologicamente como ilustro na Figura 2:

¹“É certamente uma tarefa do Analista Crítico do Discurso, como especialista, identificar no texto a manipulação e ideologia que estão ‘abaixo do nível que se pode notar’ (Fowler 1991, p. 66). O papel do Analista Crítico do Discurso, que, como linguista ou psicólogo, está equipado com ferramentas técnicas para observar para além da linguagem em uso, é o de usar sua perícia para trazer à tona, no nível público de consciência, a manipulação e a ideologia não imediatamente aparentes aos olhares dos leitores comuns, capacitando-os assim com uma nova consciência crítica.” (Tradução própria)

Figura 2 – Campo da Linguística Aplicada (LA) “indisciplinar”, perspectiva metodológica da Análise Crítica do Discurso (ACD) com o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (LC).



Fonte: a autora, 2020.

A Linguística Cognitiva (LC) apresenta como princípio fundamental a noção de que linguagem é pensamento e como tal deve ser estudada com base no uso. Outros pressupostos da LC, que funcionam como base teórica na análise de como Le Pen categoriza “imigração” em seu Twitter, incluem nunca ser a linguagem neutra e sempre refletir uma forma individual de ver o mundo ou uma perspectiva. Interessa ainda ao artigo as noções de *frame*, metáfora e metonímia, pois todas conversam com a categorização de “imigração” que passo a desenvolver neste capítulo.

1.1 Processos de categorização

Desde pequenos, nós dividimos o mundo em categorias que possuem elementos com algum grau de similitude entre si. Esses processos de categorização são responsáveis pela formação do nosso pensamento enciclopédico, sem o qual não seria possível darmos conta de muito do que acontece no nosso entorno. Peguemos o exemplo da categoria “família”: existe um elemento prototípico, uma família modelo com pai, mãe, filhos, que conjuga atributos presentes em todos os outros membros da categoria, por isso é considerado o mais central do conjunto, aquele que é mais facilmente percebido como “família”: a família heteronormativa. Outros membros, mesmo que distintos, compartilham semelhanças ou atributos: a família monoparental, por exemplo, é um elemento menos prototípico, mas membro da categoria igualmente, ou mesmo a família composta por duas mães ou dois pais, família homoparental. Ou seja, as categorias organizam-se radialmente, indo do elemento mais prototípico aos menos prototípicos, como membros de uma família (Wittgenstein, 1957).

Essas categorias não são fechadas e bem definidas, elas não têm limites definidos, são difusas. Um exemplo dado por Littlemore (2015) é o dos animais de companhia: um gato, um

cachorro e um peixinho dourado são elementos centrais do conjunto dessa categoria, o que não impede que um elefante seja um animal de estimação. Os três primeiros elementos citados (gato, cachorro e peixe dourado) são prototípicos, mas o elefante, mesmo sendo diferente, pode também ser um animal doméstico, ele só é um membro periférico da categoria.

Como já apresentado na Introdução, significado é imagem (Geeraerts, 2006). Assim, o nosso processo mental de categorização se constitui de imagens, por exemplo, imagem mental de um gato, cachorro, etc, que são o que em LC chamamos de *frames*.

1.2 *Frames*

A língua é composta de unidades simbólicas idealizadas que vinculam forma e significado. Esse significado, para a Linguística Cognitiva, não é autônomo, mas enciclopédico e relativo a *frames* (Fillmore, 1982; Lakoff, 1987). Quando ouvimos ou lemos alguma palavra, ativamos o *frame* a ela relacionado, uma rede de imagens mentais. Isso ocorre ainda que esse *frame* seja negado. Por exemplo, como explica o jornalista Adam Cohen em um artigo do *The New York Times* de 15 de novembro de 2004 (ver referência), Lakoff faz um experimento, que é inclusive título de um de seus livros, com seus alunos, para explicar a noção de *frames*: “He tells his students not to think of an elephant, and he has yet to find one who has managed it. Thinking about elephants is the *frame*, and negating it simply reinforces it. This was the problem, he says, with President Richard Nixon's famous declaration, ‘I am not a crook.’”² Ou seja, “Não pense em um elefante” acaba por fazer com que o ouvinte ative o *frame* ELEFANTE. É impossível nos expressarmos e nos entendermos sem os *frames*.

Segundo Littlemore,

ao invés de pensarmos nas palavras como expressões de conceitos distintos, de acordo com a Linguística Cognitiva, é mais apropriado pensarmos nelas como gatilhos que levam os falantes a ativarem certas áreas de sua rede de conhecimento enciclopédico, sendo que há graus diferentes de ativação dependendo do contexto de uso. (2015, p.74)

²“Ele diz aos seus alunos para não pensar em um elefante, e ele ainda não encontrou quem tenha conseguido fazê-lo. Pensar em elefantes é o *frame*, e negá-lo simplesmente o reforça. Esse foi o problema, ele diz, com a famosa declaração do presidente Richard Nixon: “Eu não sou um bandido.” (Tradução própria)

O nível textual, na ACD, desempenha essa função. Funciona como gatilhos de *frames*. O *frame* de transação comercial, por exemplo, envolve as imagens de comprador, comprar, vender, dinheiro, troco, garantia, caro ou barato, etc. Esse *frame* pode variar segundo a cultura. Diferentes sociedades podem ter variados modos de pensar o comércio.

1.3 Metáfora

Segundo Littlemore (2015), as metáforas são desenhadas em relações de substituição e similaridade. Elas são essenciais para a compreensão dos variados conceitos abstratos que nos norteiam. Mais do que uma figura de linguagem, as metáforas fazem parte do nosso pensamento e organizam a forma como vemos o mundo, portanto, fazem parte da nossa categorização.

A forma básica da metáfora estrutural é um mapeamento de um para um, no qual “A é B”. Temos um domínio fonte, geralmente mais concreto, e um domínio alvo, mais abstrato. As metáforas nos permitem conceptualizar elementos abstratos do nosso cotidiano.

Seguem-se alguns exemplos de metáforas a partir de frases comuns do cotidiano: a) EMOÇÃO É FORÇA – “Fiquei abalada”; “Bateu forte a vontade de chorar”; b) PARA BAIXO É RUIM – “Caiu em depressão”; “A nota dela caiu”; “A internet caiu”; c) APROXIMAÇÃO É INTIMIDADE – “Nós somos muito próximos”; “Elas se afastaram na adolescência”; “Ela está sempre perto quando preciso”.

1.4 Metonímia

Metonímias diferenciam-se de metáforas pela maneira como são desenhadas – se metáfora surge de uma relação de similaridade, a metonímia advém de uma relação de contiguidade (Lakoff, 1987; Littlemore, 2015).

A metonímia, ao contrário da metáfora, é um processo mental e linguístico no qual uma determinada coisa é utilizada para se referir a algo do qual ela também faz parte, ou é relacionada. Cito como exemplos de metonímias duas experiências comuns em nosso dia a

dia: nossa foto de identidade é o nosso rosto; trata-se, evidentemente, de uma parte de nosso corpo, de um todo que representa o que somos. Quando mostramos nossa carteira de identidade, dizemos – “Essa sou eu”. É uma metonímia PARTE-TODO. Ou quando escutamos o som de uma buzina, falamos, sem vê-lo, “É um caminhão”, usamos o som, uma parte do veículo, para definirmos o todo, outro exemplo de metonímia PARTE-TODO.

Esses serão os conceitos norteadores de minha análise. Com base neles, passo, após a apresentação da metodologia utilizada no processo de pesquisa, a análise dos tuítes de Marine Le Pen. Antes disso, no entanto, cabe discutir artigos anteriores que trataram do discurso político e que dão sustentação aos passos aqui seguidos, principalmente no que tange à conjugação da ACD e da Linguística Cognitiva na análise do discurso político.

2 O DISCURSO POLÍTICO NA LITERATURA: A ACD SOMADA A LC

Neste capítulo, apresento estudos que foram feitos em ACD e LC no domínio do discurso político que orientam a minha pesquisa. Primeiramente, apresento os estudos de Fairclough e Fairclough (2018) em ACD tendo filosofia ética como base das análises. Em seguida apresento os trabalhos de Hart (2010) e Lakoff (2016) que unem ACD e Linguística cognitiva. Divido os assuntos nas seguintes sessões: (1) Análise de discursos políticos em ACD – exemplos de Fairclough e Fairlough (2018); (2) ACD e LC – exemplos de Hart (2010) e de Lakoff (2008).

2.1 Análises de discursos políticos em ACD

Norman Fairclough e Isabela Fairclough são autores reconhecidos no campo na análise do discurso político. Ambos desenvolvem suas pesquisas em Análise Crítica do Discurso (ACD). Fairclough (2001) e Norman Fairclough e Isabela Fairclough (2018) foram referências centrais na metodologia de pesquisa aqui sistematizada. Falarei do trabalho desenvolvido por esses autores para ilustrar a interdisciplinaridade da ACD e o potencial crítico e transformador das análises no campo do discurso político. Essa ideia de uma ACD crítica e potencialmente transformadora da realidade sofreu, no entanto, ataques por parte de alguns teóricos.

Em um artigo, Norman Fairclough e Isabela Fairclough (2013) respondem algumas críticas contrárias às análises que fizeram no livro *Political Discourse Analysis*, no qual eles vinculam ACD e filosofia ética na análise dos discursos. Uma das críticas foi a de que as análises feitas no livro teriam se baseado na argumentação e na deliberação, ou seja, houve uma visão do texto como objeto inerentemente ligado à prática, em uma concepção discursiva que vincula a produção textual e a prática social. Segundo as críticas, o pesquisador deve se ater ao texto evitando buscar prever ações ou definir práticas que podem entremear o objeto textual. Os autores responderam à essa crítica:

Why, in our view, is the political inherently connected to (practical) argumentation and deliberation? Let us briefly recapitulate our position. We conceive of politics in a broadly Aristotelian way – in terms of deliberation on the common good, leading to decision and action. We also survey various contemporary views formulated in terms of deliberation, decision making, agency, action, peaceful resolution of

conflict and disagreement and the public–private divide. (Fairclough; Fairclough, 2013, p.336)³

Fairclough (2001) defende em sua teoria sobre o discurso, que a prática discursiva dinamiza as práticas sociais, e que cabe aos analistas deixar claro como isso se dá no texto, que é o nível micro do discurso. Fairclough e Fairclough (2013) dizem que as argumentações são atividades sociais com intenções, atos de fala tanto ilocucinários quanto perlocucionários: pessoas fazem coisas através da argumentação, então essa atividade tem efeitos práticos. Além disso, quando um discurso é produzido, diferentes aspectos estão envolvidos na sua produção. Ele pode ser uma prática política transformadora ou mantenedora de uma classe, de um bloco, de uma comunidade. Há continuamente a passagem do nível micro (textual) ao macro (social).

Vejamos exemplos dos discursos políticos, que são também tema das minhas análises de dados. Segundo Fairclough e Fairclough (2018), no discurso político, os conceitos ligados à ética ficam proeminentes: a verdade, a justiça, a liberdade, por exemplo, são constantemente valorizados quando um político se expressa. E por isso, suas análises de dados se baseiam na filosofia ética.

Politicians from all sides of the political spectrum speak of fairness, justice and freedom, but they do not seem to mean the same thing when they do so. There is a danger, in CDA and elsewhere, of adopting a particular conception and talking about it as if it were the one and only one conception, for example defending equality on the assumption that a version of economic egalitarianism is the only legitimate way of talking about equality, hence if someone rejects economic egalitarianism then s/he is rejecting equality per se. (Fairclough; Fairclough, 2018, p.7)⁴

Os autores citam dois exemplos de análises de discursos políticos com véis filosófico: o de Tony Blair com relação à entrada da Inglaterra na guerra do Golfo, iniciada contra Saddam Hussein em 2003; e o da chanceler Angela Merkel quando ela resolveu abrir as fronteiras da Alemanha para os refugiados do Oriente Médio em 2015. Falarei sobre cada uma dessas análises nos parágrafos seguintes.

³“Por que, a nosso ver, a política está inerentemente ligada à (prática) argumentação e deliberação?

Recapitulemos brevemente a nossa posição. Concebemos a política de uma maneira amplamente Aristotélica – em termos de deliberação sobre o bem comum, levando à decisão e à ação. Também pesquisamos várias visões contemporâneas formuladas em termos de deliberação, tomada de decisão, agência, ação, resolução pacífica de conflitos e acordos, e a separação público-privado.” (Tradução própria)

⁴“Políticos, de todos os lados do espectro político, falam de equidade, justiça e liberdade, mas, colocados em prática, esses termos não parecem ter o mesmo significado. Existe um perigo em ACD, e em todos os lugares, de adotar uma concepção específica e falar dela como se ela fosse a única, por exemplo, defendendo a igualdade, numa visão de que o igualitarismo econômico é a única maneira legítima de se falar de igualdade; portanto, se alguém rejeita o igualitarismo econômico, então ele/ela está rejeitando a igualdade per se.” (Tradução própria)

Blair disse ao povo inglês que o seu país deveria participar da guerra no Iraque porque ele acreditava que isso era a coisa certa a se fazer. Questionado após as sérias consequências negativas que sua decisão gerou, o ministro argumentou: “Do I know I’m right? Judgements aren’t the same as facts. Instinct is not science. I’m like any other human being, as fallible and as capable of being wrong. I only know what I believe” (Fairclough; Fairclough, 2018, p. 6).⁵

Nesse discurso, Blair trata de diferentes conceitos que, em uma análise ordinária, cotidiana, talvez não gerassem questionamentos, porém, a ACD, de acordo com Fairclough e Fairclough (2018), tem o compromisso ético de levar a luz e problematizar da maneira mais sistemática possível, ou seja, com uso intencional de métodos de pesquisa e sem que as opiniões político-partidárias do pesquisador comprometam o entendimento do dado analisado. Assim, surgem para Fairclough e Fairclough (2018), desse discurso de Blair, as perguntas: (a) o que é estar certo? ; (b) o que Blair acredita que é a verdade, é a mesma verdade para todos? ; (c) em que ele acredita? ; (d) todos nós acreditamos no que Blair acredita?

Essas questões se mostram contundentes quando se trata de um discurso político com o intuito claro de preparar uma ação ou de justificá-la, ainda mais um ato tão calamitoso quanto a guerra. Fairclough e Fairclough (2018), nesse exemplo, procuram analisar seus dados a partir de uma lente filosófica, considerando os conceitos éticos envolvidos no discurso.

As a branch of moral philosophy, ethics is concerned with the right things to do what ought (or ought not) to be done. There are many frameworks for, or theories of ethics – Baggini and Fosl (2007) for instance list sixteen frameworks. Three major alternatives are widely recognized: deontological, consequentialist and virtue ethics. (Fairclough; Fairclough, 2018, p.5)⁶

Em 2016, Tony Blair assumiu em uma entrevista que estava errado ao tomar a decisão de entrar na guerra no Iraque, ele diz que cometeu “an honest mistake” - “um erro sincero”.

Nas análises propostas por Fairclough e Fairclough (2018) à luz da ACD e da filosofia ética, essa frase reflete a intencionalidade de Blair em demonstrar que sua ação foi fundamentada por aspectos éticos deontológicos, ele cumpriu o seu dever e a sua obrigação como ministro; éticos ligados à virtude, ele foi sincero e honesto e não tentou manipular a

⁵“Se eu sei se estou certo? Julgamentos não são o mesmo que fatos. Instinto não é ciência. Eu sou como qualquer outro ser humano, igualmente falho e capaz de errar. Eu só sei no que eu acredito.” (Tradução própria)

⁶“Como um ramo da filosofia moral, a ética preocupa-se com as coisas certas a fazer, o que deve ser (ou não) feito. Existem muitos modelos de teorias da ética – Baggini and Fosl (2007), por exemplo, citam dezesseis modelos. As três maiores alternativas amplamente reconhecidas são: a deontológica, a consequencialista e a ética da virtude.” (Tradução própria)

opinião pública; éticos consequencialistas, ele tomou a decisão de participar da guerra com a intenção maior de evitar a possibilidade de um ataque aos países ocidentais.

Outro exemplo de análise, de viés igualmente filosófico, surge da decisão de Angela Merkel de abrir as fronteiras para os refugiados em 2015. Alvo de controvérsias, suas razões para tal ato foram severamente criticadas na época. Dizia-se que ela havia tomado tal decisão porque intencionava criar uma força de trabalho de refugiados que beneficiaria a Alemanha; ou que ela buscava aumentar a reputação mundial alemã frente a uma crise de imigração; ou que se tratou de manobra política ante a esquerda germânica; ou finalmente que a Alemanha estaria sofrendo chantagem por parte dos russos e americanos (Fairclough; Fairclough, 2018). Existe ainda uma ideia de que Merkel havia tomado a decisão, após ter se sentida tocada emocionalmente, em uma visita a um campo de refugiados.

Em um de seus discursos sobre o fato, a chanceler disse: “*Wir können das schaffen, und wir schaffen das*” – “Nós podemos fazer isso, e nós o faremos.” (Fairclough; Fairclough, 2018, p.8). Nessa análise, Fairclough e Fairclough (2018) questionam sobre quais são os valores de moralidade que emergem das críticas a chanceler. Três valores éticos principais aparecem nesse impasse sobre abrir as fronteiras: primeiro, de uma perspectiva moral de virtude, receber os refugiados é um ato humanitário, o valor moral de caridade e compaixão deve prevalecer; segundo, de outra perspectiva, a ética deontológica, esse ato é dever, uma obrigação moral frente aos tribunais internacionais; finalmente, haveria a moralidade da substituição (substituição de dever e de caridade), ou seja, a chanceler deveria fechar as fronteiras aos refugiados para primar pelos alemães que seriam os mais importantes, e não os refugiados.

É interessante notar a sistematicidade das análises de Fairclough e Fairclough (2018), dentro de uma perspectiva teórica filosófica, eles trabalham com os conceitos de ética – deontológica; consequencialista; de virtude ou de substituição, na produção de suas análises críticas dos fatos políticos mundiais, como os que foram exemplificados acima. A ACD é um campo de trabalho interdisciplinar e, no caso do meu trabalho de pesquisa, observei os discursos de Marine Le Pen no *Twitter*, porém minhas análises em ACD são orientadas, não pela filosofia da ética, como no caso de Fairclough e Fairclough (2018), mas por teorias da Linguística Cognitiva (LC).

2.2 ACL e LC: por que agregá-las?

Hart (2010) em seu livro intitulado *Critical discourses analyses and cognitive science – New perspectives on immigration discourses* propõe novas perspectivas metodológicas em ACD. Em um primeiro momento, o autor apresenta a natureza eclética da ACD no que condiz às metodologias utilizadas nas análises dos discursos. Em seguida, o autor divide o livro em duas outras partes: a parte II, onde ele explica a possível junção entre ACD e a Psicologia Evolutiva e, o que nos interessa nessa pesquisa, a parte III, onde ele esclarece por que, segundo ele, as análises das metáforas dos discursos são uma maneira eficaz de desvendar as possíveis manipulações presentes nos textos políticos, propondo a união ACD e LC.

In the current CDA landscape, it is Critical Metaphor Analysis, a new and emerging model informed by a dedicated research programme in Cognitive Linguistics, which, in my view, now represents the most rigorous, linguistics- orientated approach to CDA and the one which is the most illuminatory. Like transformations, metaphors always involve suppression and distortion. And, moreover, readers are not normally aware of when they are processing metaphor that is ‘until some linguist or discourse analyst comes along’ (Chilton 2005b: 24) (Hart, 2010, p.6).⁷

Segundo Hart (2010), o processo de categorização (ver arcabouço teórico) é um processo essencial na criação e promoção dos preconceitos, nas palavras dele: “We identified conceptualisation as an essential process in the communication of prejudice.” (Hart, 2010, p.105).⁸ Desse ponto de referência, ele parte para as análises dos dados, considerando em especial as metáforas dos discursos políticos, que orientam a compreensão do leitor/ouvinte.

Os dados propostos por Hart (2010) advêm dos discursos jornalísticos veiculados na mídia britânica. No capítulo de definição metodológica, ele trata de conceptualização e espaços mentais, e explica a importância dos *frames* e das metáforas para o entendimento humano, além de esclarecer, através de exemplos da imprensa, como os discursos se constroem metaforicamente.

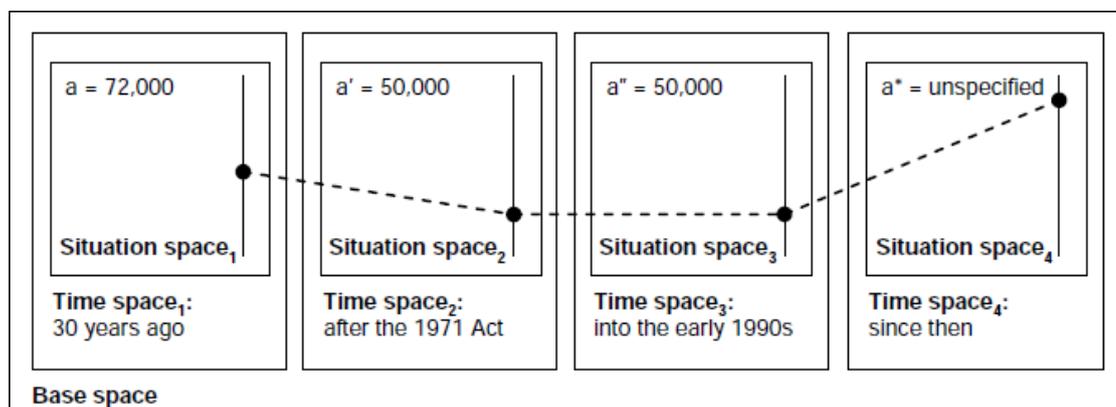
O primeiro exemplo proposto pelo autor é proveniente do jornal Daily Telegraph de 19 de agosto de 2003, onde se lê: “Thirty years ago, the number of Commonwealth immigrants accepted for settlement was around 72,000. This fell to about 50,000 after the 1971 Act and remained at that level into the early 1990s. Since then, the numbers have

⁷“No cenário atual da ACD, a Análise Crítica das Metáforas é um modelo novo e emergente, proposto por um programa de pesquisa dedicado à Linguística Cognitiva, que, em minha opinião, representa, no momento, a abordagem mais rigorosa orientada à linguística dentro da ACD e a mais esclarecedora. Assim como as transformações, as metáforas sempre envolvem supressão e distorção. Além disso, os leitores normalmente não estão cientes de quando estão processando a metáfora, ou seja, “até que algum linguista ou analista do discurso apareça” (Chilton 2005b: 24)” (Tradução própria)

⁸“Nós identificamos a conceptualização como um processo essencial na difusão de preconceitos.” (Tradução própria)

soared.” (Hart, 2010, p.109)⁹ Partindo desse dado, Hart (2010) trata da conceptualização de escala de tempo, espaço, aumento e diminuição que emergem desse discurso. Para ilustrar, ele utiliza a seguinte figura:

Figura 3 – Conceptualização de tempo, espaço e número de imigrantes



Fonte: HART, 2010, p.107.

Percebe-se que o discurso compõe um cenário mental no qual o leitor parte de um ponto definido, uma situação “tempo espaço 1” (“Há 30 anos”) com um número de 72,000 imigrantes, passando, em seguida, por diferentes etapas de tempo precisas, construídas por advérbios e preposições temporais (“Depois de 1971”; “No início dos anos 1990”) até chegar ao ponto indicado como “tempo espaço 4” que é inespecífico (“Desde então”), tanto em tempo, pois indica uma noção temporal imprecisa que parte do agora até o futuro, quanto em número de imigrantes, sabe-se que há aumento, mas não de quanto, ou até quanto, exatamente. Assim, como se vê nessa análise de Hart (2010), mesmo uma descrição com base em dados numéricos apela ao pensamento metafórico do leitor para que seja compreendida.

O autor apresenta ainda outros exemplos de dados para ilustrar como se fazem análises do discurso à luz da LC. Os trechos jornalísticos foram tirados do Sunday Telegraph de 2 de fevereiro de 2003: “Asylum-seekers are entering Britain at the rate of 80,000 a year and few are deported.”¹⁰; do Daily Telegraph, de 30 de agosto de 2006: “It is clear that at least 600,000 eastern Europeans have entered Britain in the past two years.”¹¹; e do jornal The

⁹“Há trinta anos, o número de imigrantes aceitos como residentes pela Comunidade das Nações era por volta de 72,000. Isso caiu para cerca de 50,000 após a Lei de 1971 e permaneceu nesse nível no início dos anos 90. Desde então, os números dispararam.” (Tradução própria)

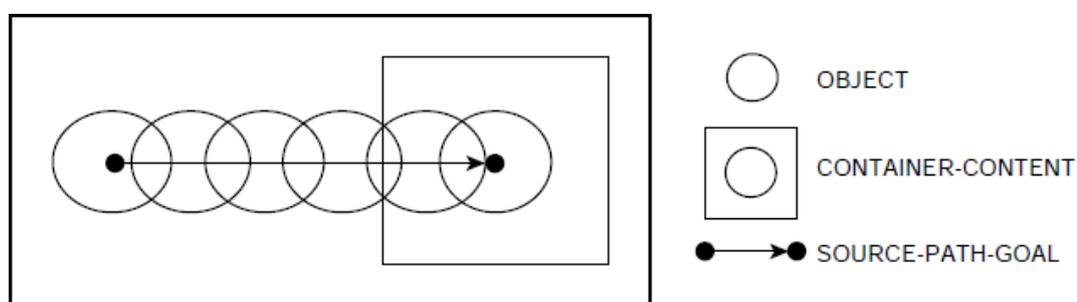
¹⁰ “Os solicitantes de asilo estão entrando na Grã-Bretanha à taxa de 80.000 por ano e poucos são deportados.” (Tradução própria)

¹¹ “É claro que pelo menos 600.000 europeus do leste entraram na Grã-Bretanha nos últimos dois anos.” (Tradução própria)

Times, de 30 de novembro de 2002: “More than 100,000 asylum-seekers and their dependants will enter Britain in 2002.”¹² (Hart, 2010, p.109-110).

Hart (2010) analisa os *frames* e metáforas presentes nesses discursos e as noções que emergem dessas escolhas. Segundo ele, há a combinação de esquemas imagéticos (“image schemas”) como OBJETO, FONTE-CAMINHO-OBJETIVO e RECIPIENTE-CONTEÚDO, engatilhados pelo verbo “entrar”, que constroem as metáforas: IMIGRANTE É OBJETO; e GRÃ-BRETANHA É RECIPIENTE. Assim, o leitor vê o objeto imigrante, solicitante de asilo, como um ser fora que faz uma trajetória com o objetivo de adentrar um determinado recipiente. Hart (2010) usa a seguinte figura para ilustrar a análise:

Figura 4 – OBJETO, RECIPIENTE-CONTEÚDO e FONTE-CAMINHO-OBJETIVO



Fonte: HART, 2010, p.110.

Essa imagem de imigrante como OBJETO e a Grã-Bretanha como RECIPIENTE, está igualmente presente em metáforas veiculadas correntemente pela mídia inglesa, ligadas à guerra e à água. Por exemplo, a metáfora de guerra retirada do jornal The Sun de 17 de maio de 2002: “The invasion of Britain by illegal immigrants continues unabated.”¹³ (Hart, 2010, p.144); ou à de água extraída do cotidiano The Express de 17 de outubro de 2002: “The flow of asylum seekers teeming on to these shores via France has not yet been stemmed.”¹⁴ (Hart, 2010, p.148).

Essas construções metafóricas veiculam uma ideologia e promovem a concepção negativa do imigrante como um invasor, como um “não pertencente”, como um sobrepeso que faz transbordar o recipiente no qual ele entra forçadamente. Hart (2010) defende (como eu já havia sublinhado mais acima) que as metáforas são elementos de extrema eficácia na promoção de preconceitos e prova disso são os exemplos práticos que ele analisa.

¹²“Mais de 100.000 solicitantes de asilo e seus dependentes entrarão na Grã-Bretanha em 2002.” (Tradução própria)

¹³“A invasão da Grã-Bretanha pelos imigrantes ilegais continua imbatível.” (Tradução própria)

¹⁴“O fluxo dos solicitantes de asilo provenientes da França que inundam esta costa ainda não foi estancado.” (Tradução própria)

Diferentemente de Hart (2010), Lakoff (2016) analisa textos advindos de discursos dos Estados Unidos buscando entender as metáforas que constroem o pensamento dos republicanos e dos democratas norte-americanos.

George Lakoff (2016), em seu livro *Moral politics. How liberals and conservatives think*, explica que, para ele, toda política é moral, porque todas as vezes que um determinado político, seja qual for a perspectiva política, propõe uma ação, ele (ou ela) assume que essa política é a correta e que não é, de forma alguma, errada ou moralmente irrelevante. Desse modo, conservadores e progressistas defendem políticas opostas, pois suas visões de moralidade são diferentes – o que é certo para um conservador, não é necessariamente o mesmo para um progressista.

Partindo da pergunta de como os conservadores pensam e de onde surgem as prioridades políticas comuns dos partidos políticos, Lakoff (2016) analisa as metáforas que constituem os pensamentos conservador e liberal, concluindo, com seus estudos, que as posturas políticas – conservadora ou liberal – se constroem com base na visão concreta de modelos familiares: um conservador acredita que a educação de um filho deve ser rígida; enquanto um liberal acredita que ela deve se dar de forma menos austera.

Lakoff (2016) defende que o pensamento é metafórico. Diferentes domínios conceptuais se correspondem permitindo assim que entendamos o mundo. Desse modo, um domínio conceptual, por exemplo, o da vida familiar, como no caso da educação de um filho, constrói igualmente a ideia de como se deve gerenciar a economia de uma nação; ou o domínio conceptual econômico que se pensa em termos de conceitos de moralidade. Essas metáforas fazem parte do nosso sistema conceptual e organizam o nosso cotidiano. Trata-se do que Lakoff chama de metáforas conceptuais:

A conceptual metaphor is a correspondence between concepts across conceptual domains, allowing forms of reasoning and words from one domain (in this case, the economic domain) to be used in the other (in this case, the moral domain). It is extremely common for such metaphors to be fixed in our conceptual systems, and thousands of such metaphors contribute to our everyday modes of thought (Lakoff, 2016, p.60).¹⁵

Partindo dessa concepção do pensamento metafórico, ele define essas perspectivas (conservadora e progressista, ou liberal) metaforicamente em dois modelos familiares básicos: o modelo do Pai Rígido (Strict Father), referente aos conservadores; e o modelo dos Pais

¹⁵“Uma metáfora conceptual é uma correspondência entre conceitos de diferentes domínios conceptuais, permitindo que formas de raciocínio e palavras de um domínio (neste caso, o domínio econômico) sejam usadas no outro (neste caso, o domínio moral). É extremamente comum que tais metáforas sejam fixadas em nossos sistemas conceptuais, e milhares dessas metáforas contribuem para nossos modos de pensamento cotidianos.” (Tradução própria)

Cuidadores (Nurturant Parentes), para os liberais. Segundo ele, esses dois grupos pensam a moralidade de forma diferente, e como no caso da educação familiar, diferem quanto às intenções em governar um país:

I asked myself a question whose answer was not at first obvious: What unifies each of the lists of moral priorities? Is there some more general idea that leads conservatives to choose one set of metaphorical priorities for reasoning about morality, and liberals another? Once the question was posed, the answer came quickly. It was what conservatives were talking about nonstop: the family. Deeply embedded in conservative and liberal politics are different models of the family. Conservatism, as we shall see, is based on a Strict Father model, while liberalism is centered around a Nurturant Parent model. These two models of the family give rise to different moral systems and different discourse forms, that is, different choices of words and different modes of reasoning (Lakoff, 2016, p.22).¹⁶

No modelo do Pai Rígido, subjaz a noção de que a punição e a rigidez na educação dos filhos é a melhor maneira de educá-lo, sendo igualmente uma forma de amor. Da mesma forma, com relação às leis, os costumes e a economia, os conservadores pensam que um modelo econômico rigoroso e que preze pela competição, sem que haja ajuda financeira do governo para os menos favorecidos, é uma forma moralmente eficiente e correta de gerenciar um país.

Competition is a crucial ingredient in such a moral system. It is through competition that we discover who is moral, that is, who has been properly self-disciplined and therefore deserves success, and who is fit enough to survive and even thrive in a difficult world. (Lakoff, 2016, p.64)¹⁷

O modelo de Pais Cuidadores, mesmo composto por um sistema conceptual diferente do Pai Rigoroso, possui em comum com ele, a noção de que o modo como um filho é criado tem reflexos na personalidade adulta. Se a criança foi criada de maneira rígida, ele incorporará a disciplina em seu cotidiano e reproduzirá esse modo de vida em suas relações com os outros. Do mesmo modo, o filho que passa por uma educação cuidadosa, aprenderá a se cuidar sozinho e tentará cuidar dos outros.

Though this model is very different from the Strict Father model, it has one very important thing in common with it. They both assume that the system of childrearing will be reproduced in the child. In the Strict Father model, discipline is incorporated

¹⁶“Eu me fiz uma pergunta cuja resposta não era inicialmente óbvia: o que unifica cada uma das listas de prioridades morais? Existe alguma ideia mais geral que leva os conservadores a escolherem prioritariamente um conjunto de metáforas para raciocinar sobre moralidade, e os liberais, outro? Depois que a pergunta foi feita, a resposta veio rapidamente. Era sobre isso que os conservadores estavam falando sem parar: a família. Profundamente enraizados na política conservadora e liberal, estão os diferentes modelos de família. O conservadorismo, como veremos, é baseado em um modelo de Pai Rigoroso, enquanto o liberalismo está centrado em torno de um modelo de Pais Cuidadores. Esses dois modelos de família dão origem a diferentes sistemas morais e diferentes formas de discurso, ou seja, diferentes escolhas de palavras e diferentes modos de raciocínio.” (Tradução própria)

¹⁷“A competição é um ingrediente crucial nesse sistema moral. É através da competição que descobrimos quem é moral, ou seja, quem foi adequadamente autodisciplinado e, portanto, merece sucesso, e quem está apto o suficiente para sobreviver e até prosperar em um mundo difícil.” (Tradução própria)

into the child to become, by adulthood, self-discipline and the ability to discipline others. In the Nurturant Parent model, nurturance is incorporated into the child to eventually become self-nurturance (the ability to take care of oneself) and the ability to nurture others (Lakoff, 2016, p.95).¹⁸

Ao conceptualizar a economia de um país, os liberais, modelo dos Pais Cuidadores, acreditam que o Estado deve ajudar financeiramente os menos favorecidos. Enquanto os conservadores, modelo do Pai Rígido, acreditam que a disciplina e a rigidez econômica são essenciais. Para eles, o governo não deve subvencionar os cidadãos, mas promover a livre competição.

Ainda dentro dessa categorização de nação como família, nas análises sobre o pensamento metafórico e moral político, Lakoff (2016) trata da visão da imigração, elemento interessante para esta pesquisa. Ele constrói duas definições que se opõem: uma do Pai Rígido e outra dos Pais Cuidadosos.

Segundo o Pai Rígido, os imigrantes não fazem parte da família (nação). Como estão ilegais, quebram a lei e devem ser simplesmente punidos, já que a disciplina é maior valor segundo esse sistema de crenças. “Within Strict Father morality, illegal immigrants are seen as lawbreakers (“illegals”) who should be punished” (Lakoff, 2016, p.152).¹⁹ Já na perspectiva dos Pais Cuidadosos, os imigrantes são desfavorecidos, e como crianças famintas e desprotegidas precisam da proteção do Estado e não da punição da lei. “From the perspective of Nurturant Parent morality, powerless people with no immoral intent are seen as innocent children needing nurturance” (Lakoff, 2016, p.152).²⁰

Percebe-se, tanto nos exemplos de análises de Fairclough e Fairclough (2018), quanto de Hart (2010) e Lakoff (2016), a importância da moralidade nos discursos ligados à política. Se Fairclough e Fairclough (2018) fazem análises da moralidade segundo a Filosofia moral, Hart (2010) e Lakoff (2016) escolhem partir da perspectiva teórica da LC.

Esta pesquisa vai ao encontro desses exemplos na medida em que preza por uma ACD crítica, assim como defendem Fairclough e Fairclough (2018), mas com um viés

¹⁸“Embora esse modelo seja muito diferente do modelo do Pai Rigoroso, ele tem uma coisa muito importante em comum. Ambos assumem que o sistema de criação dos filhos será reproduzido na criança. No modelo do Pai Rigoroso, a disciplina é incorporada à criança para se tornar, na idade adulta, autodisciplina e capacidade de disciplinar os outros. No modelo dos Pais Cuidadosos, a nutrição é incorporada à criança para, eventualmente, tornar-se auto nutrição (a capacidade de cuidar de si mesmo) e a capacidade de nutrir os outros.” (Tradução própria)

¹⁹“Segundo a moral do Pai Rígido, o imigrante ilegal é visto como um fora da lei (ilegal) que deve ser punido.” (Tradução própria)

²⁰“Na perspectiva moral dos Pais Cuidadosos, as pessoas pobres não têm interesses imorais e são vistas como crianças inocentes precisando de cuidados.” (Tradução própria)

metodológico da LC, da mesma forma que os estudos de Hart (2010) e Lakoff (2016). O próximo capítulo aborda a metodologia de pesquisa e explica os conceitos norteadores das análises dentro da junção ACD e LC.

3 METODOLOGIA

Neste capítulo, apresento as teorias que me permitiram analisar os dados de maneira sistemática e chegar às conclusões que apresentarei nesta dissertação. Divido-o nas seguintes seções: (3.1) Natureza da pesquisa (3.2) Corpus e contexto; (3.3) Critérios de seleção; (3.4) Procedimentos metodológicos; (3.5) Conceitos norteadores da análise; (3.6) Comitê de Ética.

3.1 Natureza da pesquisa

A investigação acadêmica nas ciências da linguagem pode se dar por diferentes caminhos segundo a escolha do pesquisador. Neste capítulo, apresento as minhas escolhas metodológicas em busca de entendimentos sobre o que acontece no domínio do discurso político no *Twitter* no que tange à imigração e o discurso de Le Pen.

Parto da concepção de pesquisa de Richardson (2018), segundo a qual o pesquisador não busca se fixar a um modelo pretensiosamente neutro e verdadeiro, mas duvida e desconfia de toda reivindicação redutora de verdade única. Se no século XVII, havia uma cisão entre o que seria a escrita literária - vista como falsa e subjetiva – e a escrita científica – considerada verdadeira e objetiva – a concepção pós-moderna de pesquisa e de escrita científica, ainda segundo Richardson (2018), é de uma busca pela quebra com a censura castradora de uma suposta neutralidade científica.

Escrever academicamente é também criar uma realidade partindo de uma concepção. O pesquisador observa, analisa e cria, mas também, ele se constrói e se conhece melhor. Trata-se de uma via de mão dupla entre dados, teoria e pesquisador. Richardson (2018) defende uma produção acadêmica na qual se instaure a liberdade das vozes, pois não existe algo como entender direito um objeto de análise, mas apenas entendê-lo parcialmente.

Interessante notar a metáfora proposta por este autor: Richardson (2018) diz que o pesquisador deve ser como um gato e se perguntar a todo o momento: “o que você quer?” e não vacilar deixando-se levar emocionalmente e espiritualmente pela escrita. Essa metodologia de liberdade circunda todas as escolhas feitas nesse trabalho.

Richardson (2018) propõe ainda uma segunda metáfora para o trabalho do

pesquisador: a do cristal. Segundo ele, os cristais mudam, crescem e se alteram, mas não são amorfos. Eles refletem a luz que passam também por dentro deles, criando diferentes cores e padrões. Assim, o pesquisador deve buscar sempre saber mais e por diferentes ângulos, sem que haja, em nenhum momento, uma pretensão de achar uma verdade.

Como aborda Moita Lopes (2006), os estudos em Linguística Aplicada (LA) na contemporaneidade devem ser interdisciplinares e exploradores da teoria e da prática, pois, segundo ele, não há como construir teorias sem considerar as vozes dos atores sociais que estudamos, e isso envolve colocar a prática adiante da teoria. Ainda em Moita Lopes (2006), é de extrema importância considerar a ética, pois nem todos os significados têm valor relativo, e os valores éticos de pesquisa são imprescindíveis, já que a LA é um lugar de reescritura da vida social.

Deste modo, nas análises do corpus nesta pesquisa, procuro compreender melhor o modo como Le Pen categoriza os imigrantes, sem pretender apresentar uma visão que se pretenda única e redutora. Os dados que selecionei já mostram que não é possível acessar um entendimento geral e uníssono: os dados vieram de um emaranhado de tuítes diferentes e dentro deste universo tão amplo, a seleção do corpus também tem importância nas análises. Explico melhor as escolhas dos dados e o contexto de pesquisa no próximo item.

3.2 Corpus e contexto

Os dados desta pesquisa advêm do *Twitter*, plataforma criada em março de 2006 pelos norte-americanos Jack Dorsey, Evan Williams, Biz Stone e Noah Glass e inaugurado em julho desse mesmo ano. Segundo David Crystal (2011), o *Twitter* é um *microblogging* que permite enviar e receber textos, chamados de tuítes, de no máximo 160 caracteres. É possível inserir palavras, imagens e vídeos, e é também possível compartilhar tuítes de outras pessoas, *links* de jornais, revistas, *blogs*, etc. Quem usa essa plataforma precisa definir um nome para o seu perfil. Os usuários do *Twitter* podem ser identificados como “*tweeters, twitterers, twits, tweople, twitizens, Twitter users*” (Crystal, 2011, p.36).

O *Twitter* motivo desta dissertação é o de Marine Le Pen - Marion Anne Perrine Le Pen, conhecida publicamente como Marine Le Pen. Ela é uma política francesa, considerada de extrema direita e conhecida como a principal líder do partido político “*Rassemblement National*” (RN) - que equivaleria a “*União Nacional*” (UN) em português (tradução própria).

Seu partido foi fundado em 1972, inicialmente com o nome de “Front National” – “Frente Nacional”.

O RN foi fundado pelo pai de Marine Le Pen, Jean-Marie Le Pen, com o nome de Front National (FN) – Frente nacional – em 1972. O partido mudou de nome em 1998 e passou de FN a RN. Marine Le Pen sucedeu o seu pai na direção do partido e coleciona mandatos na política francesa e europeia: deputada, conselheira e mesmo membro do parlamento europeu.

Essa líder política, também deputada, possui uma conta oficial no *Twitter* desde novembro de 2010 - @MLP_oficiel. Suas postagens são assíduas, principalmente porque as campanhas também se dão através do *Twitter*, seja para as eleições do Parlamento Europeu ou para as eleições locais francesas. Ela já concorreu à presidência da República duas vezes, uma em 2012 e outra em 2017. Uma de suas grandes preocupações políticas é a imigração. Muitos de seus tuítes tratam desse tema e eu selecionei para análise três tuítes: (a) um tuíte de 12 de julho 2019 no qual ela comenta sobre uma manifestação pacífica, dos imigrantes ilegais, ocorrida na mesma data, no *Panthéon* em Paris, para pedir por melhores condições de vida e pelo acesso aos documentos de estadia regulamentar na França; (b) um outro tuíte, de 24 de maio de 2019 no qual Le Pen faz campanha para integrar o Parlamento Europeu e fala da imigração, do islamismo e da insegurança; (c) um último tuíte de 23 de maio 2019 que diz respeito igualmente à campanha pelo Parlamento europeu com a *hashtag* *Le26maiVotezRN* (Em26demaioVotemRN – tradução própria), que ataca a esquerda e a acusa de receber imigrantes com o dinheiro alheio.

Um dos dados, o tuíte (c) citado acima, é um retuíte, no qual Marine Le Pen compartilha, em seu *Twitter*, o tuíte de Jordan Bardella – usuário do *Twitter* identificado pela conta @J_Bardella. Bardella é um político do RN e desde 2012 faz parte do partido. Ele é considerado parte da nova geração dos políticos de extrema direita na França por ter apenas 24 anos. Atualmente, após a intensa campanha pelo Parlamento Europeu, Bardella é deputado europeu e atua igualmente como vice-presidente do RN.

3.3 Critérios de seleção

A seleção deste retuíte de @J_Bardella assim como dos outros tuítes de

@MLP_officiel foi feita através da observação e da delimitação do tema: busquei um banco de dados composto por tuítes (ou retuítes – tuítes compartilhados de outros usuários do *Twitter* e aparecem em sua página principal) de Marine Le Pen - @MLP_Officiel que tratam do tema da imigração, seja com a palavra imigração em destaque ou que trate de algo relacionado, como migrantes, clandestinos, estrangeiros, ou algo que remeta de algum modo ao tema como por exemplo, acolher, expulsar, etc.

Os tuítes são de 2019, o mais recente de julho e os dois primeiros de 23 e 24 de maio. Eles podem ser acessados pelo perfil do *Twitter* @MLP_officiel e no momento desta dissertação, continuam acessíveis ao público, sem que haja a necessidade de seguir o perfil de Le Pen ou de ter um perfil no *Twitter*.

3.4 Procedimentos metodológicos

Após decidir quais tuítes iria usar, copiei e gravei os dados recortados da internet. Para o trabalho de análise, no entanto, não uso imagens, por razões de *copyright*, mesmo que os dados sejam públicos e disponíveis no site https://twitter.com/MLP_officiel. Em seguida, partindo dos meus dados de pesquisa, as seguintes perguntas emergiram: a) De que maneira Marine Le Pen usa politicamente o seu *Twitter*? b) De quais estratégias discursivas ela faz uso para influenciar seus seguidores? c) Como ela pensa a imigração? d) Quais as possíveis consequências desses discursos? Com os seguintes objetivos de pesquisa: a) Observar como se dá o uso político do *Twitter*; b) Entender como Marine Le Pen categoriza a imigração; c) Compreender se há estratégias de manipulação envolvidas; d) Refletir sobre as possíveis consequências e desdobramentos desses discursos.

Como já mencionado no capítulo 1, a Análise Crítica do Discurso (ACD) juntamente à Linguística Cognitiva, interdisciplinarmente, a exemplo do que faz Hart (2010) servirão de base para compreender melhor o tema.

3.5 Conceitos norteadores da análise

Os conceitos norteadores das análises advêm da Linguística Cognitiva, sendo eles: (a) *frames*; (b) metáforas; (c) metonímias. Diferentes autores da LC fazem referência e explicam a definição desses conceitos, como foi apresentado no capítulo 2 arcabouço teórico desta dissertação. Cito outras explicações para esses conceitos que são importantes nas análises dos dados.

a) *Frames*

Os *frames*, segundo Fillmore (1982), são domínios cognitivos específicos que reúnem os conhecimentos compartilhados em relação às expectativas socioculturais. Assim, segundo o autor, a decomposição lexical de um item não dá conta de explicar o seu significado, que só pode ser entendido se considerado dentro do *frame* do qual faz parte.

Um exemplo é a palavra “bachelor” (em português “solteiro”): analisa-la lexicalmente não esclarece o seu significado. Segundo o dicionário *online linternate*, “bachelor” surge da palavra “bachelor”, que era um jovem nobre que almejava tornar-se cavaleiro. Se pensarmos no gatilho que esse *frame* ativa, podemos compreender que um jovem “bachelor” ainda não é um homem que cumpriu o que era esperado pela sociedade – ser um nobre cavaleiro pronto para o combate. Da mesma forma, um “solteiro” não cumpre as etapas que a sociedade espera – casar-se; sair da casa dos pais; ter filhos, por exemplo.

Uma mesma palavra pode ativar diferentes *frames*, segundo o contexto no qual ela aparece. No exemplo de “bachelor”, há igualmente o significado de diploma correspondente à licenciatura ou um pequeno apartamento para estudantes. Resumindo, uma mesma entrada lexical pode ativar variados *frames*, disso a importância do contexto.

b) Metáforas

Segundo Lakoff e Johnson (1980), o nosso sistema conceptual ordinário é metafórico. Agimos e pensamos metaforicamente. As metáforas são mecanismos de conceptualização de um domínio de experiência em termos de outro.

Dois dos exemplos apresentados por Lakoff e Johnson (1980) de metáforas de nosso cotidiano, e alguns de seus possíveis desdobramentos, são: debate é guerra – “eu destruí o argumento dele”; “suas reivindicações são indefensáveis”; ideias são objetos – “é difícil passar essa ideia”; “é difícil colocar as minhas ideias em palavra”.

c) Metonímias

Nas metonímias ocorre um deslocamento de significado de forma que uma

determinada entidade passa a designar outra entidade contígua. Isso permite que coloquemos em destaque uma informação que parece mais relevante em determinado contexto.

Dois exemplos seriam de tipos de metonímia, segundo Littlemore (2015): produtor pelo produto – *hoover* por aspirador de pó ou *bombрил* por palha-de-aço; recipiente pelo conteúdo – “Vamos tomar um copinho?” – copo por cerveja.

Esses três principais conceitos servem como parâmetros para a análise dos dados apresentados anteriormente. As análises são sistemáticas e igualmente balizadas pela ética científica, tendo passado pelo conselho de ética, como exponho no próximo tópico.

3.6 Conselho de Ética

O *Twitter* é um site público que possui perfis que restringem o acesso e só podem ser acessados via permissão do usuário do *Twitter*, ou perfis públicos que podem ser vistos, compartilhados e comentados por todos que se interessem. No caso do perfil @MLP_Officile, trata-se de uma conta pública que pode ser acessada por todos, sem restrições. Crystal (2011) em seu livro *Internet linguistics: a student guide* aborda o caso do *Twitter* em um de seus capítulos. Ele descreve:

Tweets are displayed on an author’s profile page, are automatically delivered to those who have submitted an expression of interest in the author (followers), and can be read by anyone unless the author wishes to restrict delivery to a particular circle. A search of the Twitter database generates tweets displaying a two-part structure. The first element contains the author’s identity and the message sent. The second part contains data about the tweet – its temporal source (related in real time to the moment of enquiry) and Internet origin – and response options. (Crystal, 2011, p.36-37)²¹

Apesar de analisar dados públicos, o *Twitter* é uma plataforma com direitos autorais. Dessa forma, não constará no trabalho qualquer foto copiada do *Twitter* diretamente e todos os dados foram transcritos. Da mesma forma, por motivos de proteção à pesquisa, esse trabalho passou pelo crivo do Conselho de Ética. Como pesquisadora, asseguro que os dados aqui apresentados são destinados a fins de pesquisa no campo do Estudo da Linguagem e que

²¹“Os tuítes são exibidos na página de perfil de um determinado autor, eles são automaticamente apresentados aos que se interessam por esse autor (os seguidores), e podem ser lidos por qualquer pessoa, a não ser que o autor queira restringir a exibição a um círculo particular. Uma pesquisa no banco de dados do Twitter gera tuítes exibindo uma estrutura em duas partes. O primeiro elemento contém a identidade do autor e a mensagem enviada. A segunda parte contém dados sobre o tuíte - sua fonte temporal (relacionada em tempo real ao momento da consulta) e a origem da Internet - e as opções de resposta.” (Tradução própria)

não houve qualquer fomento por parte de agências ou outros interessados. A motivação do estudo é puramente teórica e aplicada.

No que diz respeito à ética de trabalho acadêmico proposta por Moita Lopes (2006), pretendo seguir as instruções de Pennycook (2006) quebrando as hipocrisias que atravessam o campo de pesquisa em LA tradicional. Pennycook apresenta quatro principais valores éticos de pesquisa mentirosos a serem evitados em LA, são eles: (1) desconsiderar as questões políticas como desigualdade e racismo, evitando o posicionamento crítico através de uma máscara de relativismo liberal; (2) acreditar que o pesquisador deve se comportar como um avestruz, mantendo uma postura de pesquisa neutra, tanto política quanto intelectual; (3) achar que o posicionamento crítico do pesquisador desqualifica o seu trabalho de pesquisa, por apresentar um determinado engajamento ideológico; (4) finalmente, classificar todas as vozes de pesquisa em LA crítica como uma luta única, sendo que os clamores de mudança são tão plurais e diferentes.

Assim como defende Pennycook (2006), farei uma LA transgressiva usando instrumentos de análise capazes de abrir fronteiras, questionar o mundo e desvendar formas de pensar. Meu arcabouço teórico em LC, como explicado em capítulo precedente, me fornece um aparato metodológico rico e sistemático, para a construção de uma ACD pertinente e transformadora.

4 O TWITTER DE MARINE LE PEN E A CONCEPÇÃO DE IMIGRAÇÃO

Os tuítes que compõem o corpus desta pesquisa são provenientes do *Twitter* oficial e público @MLP_officiel, como foi apresentado anteriormente em Metodologia de pesquisa – Corpus e contexto. Apresento as análises de cada tuíte, na seguinte ordem: (4.1) Tuíte 1: 23 de maio de 2019 – retuíte de @J_Bardella; (4.2) Tuíte 2: 24 de maio de 2019 – irresponsabilidade imigratória; (4.3) Tuíte 3: 24 de maio de 2019 – imigração-submersão; (4.4) Tuíte 4: 12 de julho 2019 – *Panthéon* e o movimento dos “gilets noirs”.

4.1 Tuíte 1: 23 de maio de 2019 – retuíte de @J_Bardella

No tuíte compartilhado em 23 de maio de 2019, Marine Le Pen dá voz de autoridade ao representante do *Rassemblement National* – União Nacional, Jordan Bardella, porta-voz oficial do partido. Ela o retuíta em sua página, próximo às eleições para o Parlamento Europeu que aconteceu em 26 de maio de 2019, enunciando:

Tuíte 1 - @MLP_officiel retuíte de @J_Bardella 23 de maio de 2019

“La dictature de l’émotion de la part de la gauche, j`en ai RAS-LE-BOL! L`accueil des migrants pour eux, c`est toujours bon, mais uniquement chez les autres et avec l`argent des autres!” #UltimeDébat #Le26MaiVotezRN²²

Como apresentado na metodologia de pesquisa, os *frames* são gatilhos lexicais para a abertura de uma gama de significados possíveis. Segundo Lakoff (2008), os *frames* são estruturas cognitivas através das quais pensamos. Os *frames* ativam variadas imagens de acordo com o seu contexto natural. Ainda, como explica Lakoff (2008), se pensarmos no *frame* de assassinato, diferentes imagens emergem – há o assassino, a vítima, a arma, os suspeitos, etc:

Frames are among the cognitive structures we think with. For example, when you read a murder mystery, there is a typical frame with various kinds of characters: the murderer, victim or victims, possible accomplices, suspects, a motive, a murder

²²“A ditadura da emoção por parte da esquerda, eu estou de saco cheio! O acolhimento dos imigrantes para eles é sempre bom, mas unicamente no território dos outros e com o dinheiro dos outros.” #Últimodebate #26deMaioVotemRN (Tradução própria)

weapon, a detective, clues. And there is a scenario in which the murderer murders the victim and is later caught by the detective (Lakoff, 2008, p.22).²³

Assim, ao observarmos as escolhas lexicais de Bardella, percebemos que, em seu discurso, ele evoca diferentes *frames* tais como: ditadura; autoritarismo; emoção; decisões emotivas; irracional; incompetência; esquerda; direita; acolher imigrantes; gastar dinheiro; aproveitar dos benefícios dos outros; irresponsabilidade financeira e política.

As escolhas lexicais não são despropositadas, porque ao escolher suas palavras, Bardella lança mão de estratégias discursivas, como as estudadas por Lakoff (2016) com relação aos discursos políticos nos Estados Unidos. Segundo Lakoff (2016), os eleitores entendem os conceitos abstratos relacionados ao domínio político através de experiências do domínio concreto de vida familiar.

Ao votarmos, agimos à luz de nossa ideia de país ideais. Assim, por um lado, os eleitores conservadores preferem governantes que se aproximem, em seus discursos, do modelo de país rígidos, ou seja, que falem de rigor, de leis e de controle do país. Por outro lado, os eleitores progressistas se aproximam mais de políticos que constroem discursos evocando modelos de família mais emotivas, carinhosas e que agem por meio do afeto e da proteção (ver arcabouço teórico).

No caso de Bardella, o léxico que ele utiliza em seu discurso, engatilha variados *frames* que possibilitam a emersão das seguintes metáforas: a) ESQUERDA É DITADURA; b) ESQUERDA É EMOÇÃO; c) ESQUERDA É ACOLHEDORA DA IMIGRAÇÃO; d) ESQUERDA É APROVEITADORA. Explico cada uma dessas metáforas da seguinte forma:

a) ESQUERDA É DITADURA: Bardella é membro do RN, que é visto como um partido autoritário e de extrema-direita, justamente por ter tido, em sua fundação, vínculo com o nazismo alemão. Assim, Bardella busca associar, não o RN, mas a esquerda à ditadura, desvinculando o seu partido desse fardo. Isso parece contraditório, pois, como explica Lakoff (2016), o eleitorado conservador preza pelo rigor das normas. No entanto, mesmo que o modelo do Pai Rígido (Lakoff, 2016) seja o mais apreciado pelos eleitores conservadores, a extrema-direita parece buscar ampliar o seu eleitorado e para isso, se afastar do modelo extremista e altamente autoritário de suas origens. Essa metáfora ESQUERDA É DITADURA, nada mais é do que uma estratégia discursiva visando desassociar a ditadura e o extremismo do RN para vincular essas ideias aos partidos de esquerda.

²³“Os *frames* são estruturas cognitivas através das quais pensamos. Por exemplo, quando você lê sobre um assassinato misterioso, há um *frame* típico composto por diferentes personagens: o assassino, a vítimas ou as vítimas, os possíveis cúmplices, os suspeitos, o motivo, a arma do crime, o detetive, as pistas. E há o cenário dentro do qual o assassino assassinou a vítima que é descoberto a posteriori pelo detetive.” (Tradução própria)

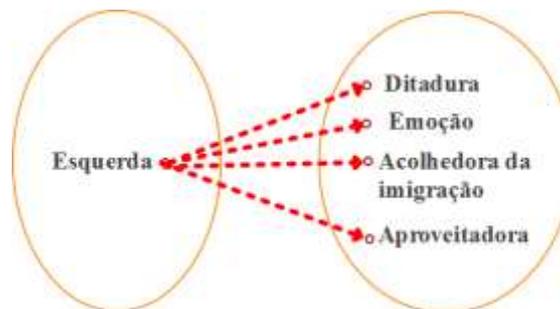
b) **ESQUERDA É EMOÇÃO**: comumente, se pensa que o que é emocional é nada racional. Trata-se do lugar comum que opõe emoção e razão. O político reafirma essa ideia de que a esquerda não raciocina, porque segue apenas impulsos emocionais e ilógicos. Nessa metáfora, vê-se a noção do Pai Cuidadoso (Lakoff, 2016) apreciada pelos eleitores progressistas, e que é ligada à emoção.

c) **ESQUERDA É ACOLHEDORA DA IMIGRAÇÃO**: ligada igualmente à emoção, essa metáfora apresenta a esquerda como aquela que acolhe como os Pais Cuidadosos (Lakoff, 2016) costumam fazer. Isso, no entanto, na perspectiva de Bartella, se dá de maneira inconsequente, à custa do dinheiro e espaço dos contribuintes.

d) **ESQUERDA É APROVEITADORA**: nessa visão, a esquerda se aproveita do dinheiro dos contribuintes franceses e da própria França como território acolhedor dos imigrantes. Como avaliou Lakoff (2016) em seus estudos, os conservadores e os liberais têm ideias diferentes de como criar um filho, com sistemas morais opostos. Assim, Marine Le Pen avalia que o fato de procurar acolher os imigrantes, é não um ato de generosidade, mas de aproveitamento. Como o “Pai Rígido” que vê o “Pai Cuidador” como fraco e pouco eficaz na educação de seus filhos.

Esse conjunto de metáforas pode ser resumido pela figura 5:

Figura 5 – Metáfora sobre a esquerda



Fonte: A autora, 2020.

4.2 Tuíte 2: 24 de maio de 2019 – irresponsabilidade imigratória

Em outro tuíte, agora publicado em 24 de maio de 2019, Marine Le Pen diz:

Tuíte 2 - @MLP_oficial 24 de maio de 2019

“Derrière l’immigration, il n’y a pas seulement la ruine de nos systèmes sociaux, il y a, on le sait, l’insécurité et l’islamisme, qui sont les prolongements constatés de cette irresponsabilité migratoire.” #Le26MaiVotezRN²⁴

O discurso da líder francesa aciona os seguintes *frames*: imigração; ruína; dinheiro; sistema de seguridade social; desemprego; falta de perspectiva; falta de estudo; dependência financeira; insegurança; islamismo; terrorismo; irresponsabilidade política.

Ao mesmo tempo, várias metáforas constroem o encadeamento do discurso de Le Pen. Para ela:

- a) IMIGRAÇÃO É RUÍNA DOS SISTEMAS SOCIAIS FRANCESES;
- b) IMIGRAÇÃO É INSEGURANÇA;
- c) IMIGRAÇÃO É ISLAMISMO;
- d) ISLAMISMO É INSEGURANÇA;
- e) IMIGRAÇÃO É IRRESPONSABILIDADE.

Ao olhar para cada um dos domínios envolvidos e os atributos perfilados para cada uma dessas metáforas, temos um sistema metafórico organizado a partir de relações de CAUSA-EFEITO:

a) IMIGRAÇÃO É RUÍNA DOS SISTEMAS SOCIAIS FRANCESES: a líder política aborda a imigraçãoaborda a imigração como fator de aumento dos gastos públicos em que a imigração é a causa e a ruína dos sistemas sociais o efeito (CAUSA-EFEITO). O imigrante é categorizado por ela como um indivíduo dependente do Estado, que se aproveita das ajudas sociais, que deveriam ser voltadas somente aos franceses. Nessa perspectiva, há uma apropriação dos benefícios estatais de seguridade social pelos imigrantes, que recebem sem contribuir, fato que leva à ruína do sistema.

b) IMIGRAÇÃO É INSEGURANÇA; c) IMIGRAÇÃO É ISLAMISMO; d) ISLAMISMO É INSEGURANÇA: aqui, temos um sistema metafórico igualmente estrutura pelo esquema imagético CAUSA-EFEITO. Ocorre, nesse sistema, a intenção de vincular a imagem dos imigrantes à violência, ao crime e esse ao islamismo, que é metaforizado como sendo a própria imigração. Mais especificamente, em (b) a imigração é categorizada como CAUSA e

²⁴“Por trás da imigração, não há somente a ruína dos nossos sistemas sociais, há, como nós sabemos, a insegurança e o islamismo, que são constatados prolongamentos da irresponsabilidade migratória.” #26deMaioVotemRN (Tradução própria)

a insegurança como EFEITO. Ao mesmo tempo, uma relação de acarretamento nos permite inferir que ISLAMISMO É INSEGURANÇA, pois em (c) ele é a própria imigração. Cabe ainda ressaltar que ISLAMISMO e INSEGURANÇA são domínios cognitivos distintos, pois um ativa o *frame* RELIGIÃO e o outro INSEGURANÇA. Ao ligar esses dois *frames* à imigração, Le Pen acaba por associar a imigração islâmica ao medo e à violência. Indiretamente, evoca-se o *frame* de terrorismo tendo como veículo o islamismo.

e) IMIGRAÇÃO É IRRESPONSABILIDADE: nessa metáfora, a imigração é colocada como responsabilidade do Estado francês, cabendo-lhe decidir se haverá ou não a aceitação de imigrantes. Segundo essa visão, receber os imigrantes é um ato irresponsável por parte daqueles que legislam, já que o processo migratório associa-se à ruína social, insegurança e islamismo. A CAUSA neste caso é a irresponsabilidade legislativa e o EFEITO a IMIGRAÇÃO.

Em todas essas metáforas, também se fazem presentes construções metonímicas, já que algumas características dos imigrantes são perfiladas e generalizadas como o TODO. Existem imigrantes pouco qualificados que não conseguem trabalho e vivem de ajuda governamental; existem outros que seguem o islã, mas não todos. Da mesma forma, há atos terroristas perpetrados por radicais islâmicos, minoritários. No entanto, a grande maioria dos imigrantes não é islâmica e nem perpetrou atos terroristas. Por um interesse político, Marine Le Pen ressignifica essas PARTES, tornando-as o TODO.

Importante salientar o impacto que as metonímias têm na categorização dos imigrantes construída discursivamente no *Twitter* de Le Pen, pois ela faz que um grupo tão variado seja reduzido a uma só categoria. Os refugiados são imigrantes de um grupo extremamente heterogêneo, composto por diferentes nacionalidades, religiões e culturas.

As metáforas que foram engatilhadas pelo tuíte 2 são resumidas na figura 6:

Figura 6 – Metáfora sobre a imigração



Fonte: A autora, 2020.

4.3 Tuíte 3: 24 de maio de 2019 – imigração-submersão

Sobre o mesmo tema, Marine Le Pen tuíta:

Tuíte 3 - @MLP_officiel 24 de maio de 2019

“Dans cette élection, il y a un enjeu de civilisation. Je fais bien sûr référence à l’immigration- submersion, qui est une constante de la politique européenne et qui est la marque du pouvoir macronien en France.” #Le26MaiVotezRN²⁵

Nesse tuíte, Marine Le Pen organiza conceptualmente a imigração com a palavra-valise “imigração-submersão”, que per se já é uma metáfora – IMIGRAÇÃO É SUBMERSÃO, na qual o domínio fonte remete à água – navegar, submergir, afundar, se afogar, morrer, etc. Aqui consta o esquema imagético CIMA-BAIXO na metáfora orientacional SUBMERGIR É RUIM que pelo prefixo “sub” remete-se a noção básica que PARA BAIXO É RUIM já apontada anteriormente.

Tal qual outras expressões da língua que remetem as nossas experiências corpóreas e que organizam a nossa cognição – por exemplo, calor, força, equilíbrio, espaço, tempo, CIMA-BAIXO também é uma dessas percepções primárias ligadas aos nossos sentidos e sensações físicas ou um esquema imagético. Assim, o gatilho “submersão” faz, também, referência a nossa metáfora primária PARA BAIXO É RUIM: submergir ou afundar é sucumbir, piorar, se deteriorar.

Pontuo ainda a crueldade do “*mot-valise*” imigração-submersão, pista linguística polissêmica que pode se relacionar à maneira como os imigrantes vêm chegando à Europa – em embarcações e em condições precárias, com o saldo de muitas mortes no mar. Para Marine Le Pen, em oposição, quem submerge é a França com a imigração em massa. Essa associação entre imigração e submersão foi discutida por Hart (2010) em análise do discurso presente no manifesto do BNP (Partido Nacional Britânico). A ideologia, como diria Hart (2010), usa-se de julgamentos de valor e opiniões disfarçadas de factualidade, para incitar respostas emocionais e gerar um posicionamento ideológico. As pistas no nível micro agem no nível macro do discurso, no campo do social e político, em que linguagem e cognição

²⁵“Nesta eleição, há um desafio de civilização. Eu me refiro certamente à imigração-submersão, que é uma constante na política europeia e que é a marca do poder macroniano na França.” #26deMaioVotemRN (Tradução própria)

encontram-se intimamente ligadas, pois cada leitor formando ideias a partir de estruturas recrutadas e constituídas ideologicamente nas metáforas, *frames* e metonímias evocados.

Esse argumento é corroborado pela própria categorização que Le Pen faz de eleição como um “desafio de civilização”: ELEIÇÃO é DESAFIO DE CIVILIZAÇÃO, ou seja, votar pelo RN é escolher o caminho “civilizado”. Ao mesmo tempo, “civilização” evoca *frames* de educação, bom comportamento, progresso, limpeza, etc. Essa ideia se opõe à de votar por outro partido que se alinhe à imigração, esse seria um caminho escolhido por pessoas sem educação, descompromissadas com o progresso da França. Se por um lado, há a civilização, do outro, existe a ruína, a imigração.

Civilização se contrapõe igualmente ao que ela chama “poder macroniano na França”. O presidente Emmanuel Macron é adjetivado em “macroniano” e relacionado no contexto a “poder”. Como havíamos já apontado anteriormente, há uma tentativa estratégica do RN de relacionar outros partidos às ideias de ditadura, autoritarismo e ausência de civilização que levariam a França à ruína.

4.4 Tuíte 4: 12 de julho de 2019 – *Panthéon* e o movimento dos “gilets noirs”

Em uma reportagem do jornal *Le Parisien* de 13 de julho 2019 (ver referências), o jornalista Ronan Tésorière relata a tomada do *Panthéon* pelo movimento dos “gilets noirs”: “Ils se présentent comme ‘des sans-papiers, des sans-voix, des sans-visages pour la République française’(...)”. – (“Eles se apresentam como sem-documentos, sem-voz, sem-rostos para a República francesa” – tradução própria). As palavras valise utilizadas pelos imigrantes (“sem- documentos”, “sem-voz” e “sem-rostos”) indicam a possível sensação de invisibilidade desses manifestantes dentro da França. Esses substantivos adjetivados exprimem a falta, a ausência tanto de algo concreto, como o visto de estadia, em “sem-documentos”, quanto de elementos ligados à subjetividade – “sem-voz” e “sem-rostos”.

O movimento dos “gilets noirs” tomou conta do *Panthéon* em 12 de julho de 2019. Essa manifestação é simbólica para os imigrantes ilegais, pois o *Panthéon* de Paris abriga a cripta de grandes autores franceses como Alexandre Dumas, Rousseau, Voltaire, entre outros, como bem o diz seu site na internet (ver referências), e é considerado como um alto lugar da República, como se lê no tuíte de Marine Le Pen.

Tuíte 4 - @MLP_oficiel 12 de julho 2019

“Il est INADMISSIBLE de voir des clandestins revendicatifs occuper, en toute impunité, ce haut lieu de la République qu`est le #Panthéon.

En France, Le seul avenir d`un clandestin devrait être l`expulsion, car c`est la LOI. MLP”.²⁶

Duas pistas lexicais foram colocadas em destaque pela própria autora do tuíte: INADMISSÍVEL e LEI. Dois diferentes *frames* podem ser acessados na leitura: de um lado, a palavra “inadmissível” é gatilho para os *frames* ilegalidade, falta de lugar, impossibilidade, não suportável, inadequado, incabível; de outro lado, a palavra “lei” convoca os *frames* possível, aceitável, pertinente, correto. Ou seja, INADMISSÍVEL e LEI acionam dois diferentes campos semânticos que servem de gatilho para a construção de metáforas como:

- (a) IMIGRANTES SÃO INADMISSÍVEIS;
- (b) IMIGRANTES SÃO INADEQUADOS;
- (c) IMIGRANTES SÃO CONTRÁRIOS ÀS LEIS;
- (d) IMIGRANTES SÃO INTOLERÁVEIS;
- (e) IMIGRANTES SÃO ILEGAIS.

As frases que se seguem as duas palavras-chave, intencionalmente destacadas por Le Pen, completam essa visão metafórica de imigração. Vejamos a primeira frase: “É INADMISSÍVEL ver os clandestinos reivindicativos ocuparem, em toda a impunidade, este mais alto lugar da República que é o *Panthéon*”. Além disso, depreendo da leitura algumas metáforas que categorizam os imigrantes:

- (f) IMIGRANTES SÃO CLANDESTINOS;
- (g) IMIGRANTES SÃO REIVINDICATIVOS;
- (h) IMIGRANTES OCUPAM A REPÚBLICA;
- (i) IMIGRANTES SÃO IMPUNES;

Panthéon tem nesse discurso uma simbologia igualmente importante ao representar o mais alto lugar da República. O fato de os “gilets noirs” terem ocupado esse lugar tão representativo, metonímia igualmente PARTE-TODO, pois é uma construção republicana que simboliza toda a França, é uma referência à ideia de que a França está tomada, de forma

²⁶“É INADMISSÍVEL ver os clandestinos reivindicativos ocuparem, em toda a impunidade, este mais alto lugar da República que é o Pantéon. Na França, o único porvir de um clandestino deveria ser a expulsão, porque é a LEI. MLP.” (Tradução própria).

ilegal, pela imigração.

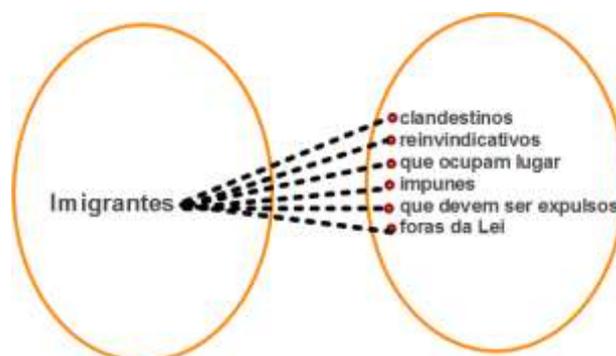
Se a primeira parte do tuíte trata dos “clandestinos reivindicativos”, a segunda propõe uma solução que contém em si uma crítica ao governo de Macron, mesmo que implicitamente. Marine Le Pen diz: “Na França, o único porvir de um clandestino deveria ser a expulsão, porque é a LEI. MLP.”. Vejo aqui que a política do “Rassemblement National” acredita que a lei não está sendo cumprida e que a expulsão, simples e rápida, é a saída para deter a ocupação reivindicativa desses clandestinos, ação que o governo atual não faz, já que a República (*Panthéon*) foi ocupada.

Interessante notar a presença das iniciais da autora no final do tuíte : MLP – Marine Le Pen. Seu nome aparece em todas as letras, enquanto o nome dos “clandestinos” ou mesmo do movimento, citado tantas vezes na mídia, é calado por ela. MLP está colocado ao lado da LEI, três letras, três maiúsculas. Os “clandestinos reivindicativos” estão próximos, na estrutura da frase, da palavra “impunidade” e “eles ocupam”, expressão verbal do campo semântico da ilegalidade, a República.

Categorizamos aqui MLP como elemento pertencente ao domínio do legal, do aceitável, do correto e do nominável; enquanto que os clandestinos se encontram na categoria do ilegal, inaceitável, reivindicativo, incorreto e inominável.

“Reivindicar” aparece igualmente como um elemento de categorização negativa, já que os imigrantes são clandestinos, ilegais e, portanto, segundo a lei proposta no tuíte, não haveria para eles direito legal de pedir nada à República, muito menos de ocupá-la. Esquemáticamente, o discurso de Marine Le Pen cria as ideias da Figura 7:

Figura 7 – Metáfora sobre os imigrantes



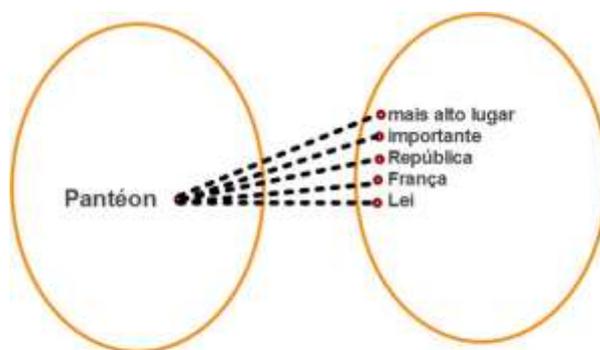
Fonte: A autora, 2020.

Vê-se que há uma relação vital de CAUSA-EFEITO, eles ocupam um lugar que não é deles e conseqüentemente devem ser expulsos, mas como reivindicam um lugar que não lhes convém dentro da Lei, eles são, em um efeito de causa, foras da Lei. Há igualmente as relações vitais de Representação, existe uma compressão entre os nomes “imigrantes” e

“clandestinos”, que intencionalmente são veiculados como sinônimos nesse discurso, mas que tem origens e definições completamente diferentes. Imigrante, segundo o dicionário Priberam (ver na bibliografia) é aquele “que ou quem imigra ou vem estabelecer-se em região ou país diferente do seu”. Se estabelecer me parece algo legalmente aceitável, enquanto clandestino, pelo mesmo dicionário é “feito às escondidas; feito sem as formalidades legais”.

Outro espaço mental pode ser aberto em paralelo pelo leitor do tuíte na compreensão do discurso. Se de um lado, há a visão dos imigrantes, clandestinos, de outro, existe, ainda que de maneira pouco evidente no discurso, os espaços mentais ligados aos que não são imigrantes e clandestinos e que fazem parte do *Panthéon*, segundo os gatilhos acionados no discurso da política. Segue abaixo um esquema na figura 8 que pode representá-lo:

Figura 8 – Metáfora sobre o *Panthéon*



Fonte: A autora, 2020.

O *Panthéon* simboliza a própria ideia de França como país republicano, e igualmente, representa os franceses. Esse paralelo, entre o *Panthéon* e os imigrantes, em metáforas contrárias e opostas, se relaciona na criação do sentido e na vinculação da mensagem final da política de que os imigrantes devem ser expulsos da França.

Se voltarmos à discussão proposta por Fairclough e Fairclough (2018) sobre as três dimensões de moralidade (ver revisão de literatura), penso que os valores éticos que aparecem nesses tuítes de Marine Le Pen representam igualmente a perspectiva do partido RN sobre o tema da imigração. Primeiramente, de uma perspectiva moral de virtude, receber os refugiados para Marine Le Pen é um ato egoísta, o valor moral de caridade e compaixão deve existir, mas em prol dos franceses, e somente deles. Como vimos, a esquerda que acolhe a imigração é categorizada como uma “ditadura da emoção”, inconsequente, que coloca os interesses dos estrangeiros acima das necessidades dos franceses “de souche”.

Em seguida, segundo o valor moral de ética deontológica, evitar a entrada dos imigrantes é um dever, uma obrigação moral frente aos tribunais internacionais, porque como

vimos na concepção metafórica de Le Pen, essa é a lei – os imigrantes sendo ilegais terroristas e não parte da sociedade francesa, os imigrantes estão fora da lei e devem ser expulsos.

Finalmente, haveria também a moralidade da substituição (substituição de dever e de caridade), ou seja, a França deveria fechar as fronteiras aos refugiados para primar pelos franceses que seriam os mais importantes, e não os refugiados com problemas em seus países de origem. Nessa perspectiva, não cabe aos franceses resolver problemas de outras nações.

REFLEXÕES FINAIS

Ao analisar o discurso político de Marine Le Pen no *Twitter*, percebi que existem estratégias cognitivo-discursivas que buscam vincular a imigração a aspectos negativos, como a violência, a falta de civilização e o tirar vantagem de uma situação. Além disso, Marine Le Pen se aproxima do discurso político que aponta uma visão rígida de concepção de mundo, como nas análises feitas por Lakoff (2016) sobre o “Pai Rígido” – a visão dos conservadores - e o “Pai Cuidadoso” – aquela dos progressistas.

A líder de extrema-direita sinaliza como conceptualiza “imigração” por meio de metáforas, metonímias e *frames* que perfilam os aspectos negativos do processo apenas, ou seja, faz escolhas semânticas seletivas capazes de gerar no interlocutor a percepção de que a imigração é a ruína. Com isso, visa convencer os eleitores a votarem em seu partido a partir dos riscos presentes em acolher imigrantes na França. A melhor solução é votar no RN e rechaçar assim os imigrantes da França.

Para além dessa conclusão, após as análises, emergem respostas possíveis para as perguntas iniciais de pesquisa aqui propostas: sendo elas: a) De que maneira Marine Le Pen usa politicamente o seu *Twitter*? Marine Le Pen usa seus discursos no *Twitter* para construir, como vimos através de sistemas de *frames*, metáforas e metonímias, uma visão negativa da imigração na França e de seus opositores na política francesa; b) De quais estratégias discursivas ela faz uso para influenciar seus seguidores? Ela utiliza *frames*, metáforas e metonímias que perfilam o lado negativo da imigração relacionando-a a violência, ao terrorismo, a falta de civismo e a exploração do país que os acolhe; c) Como ela pensa a imigração? Em seus tuítes, Marine Le Pen indica que a imigração é ruim para França e que a recepção de refugiados é um ato de inconsequência política que deve ser evitado; d) Quais as possíveis consequências desses discursos? Em um nível micro, esses discursos são violências simbólicas por relacionar intimamente a imigração e os imigrantes a aspectos depreciativos. Em um nível macro, eles criam estereótipos que visam manter uma ordem social de privilégios e justificar a exclusão dos menos favorecidos.

Essa violência simbólica perpetrada por Marine Le Pen contra os imigrantes em seu *Twitter* faz coro com as hostilidades da política mundial frente aos grupos minoritários mais fracos já apontados por Hart (2010). Cerceados em seu poder de fala, os imigrantes vagam na invisibilidade social. Ouvimos o que Le Pen diz, sabemos como ela pensa, mas e os que pegaram o barco? Os que fugiram da guerra? Os que estão mutilados e perdidos nas rotas da

imigração? Deixo aqui como reflexão crítica que pode vir ao encontro de debates sobre a questão.

REFERÊNCIAS

BARDELLA, Jordan. *La dictature de l'émotion de la part de la gauche, j'en ai EAS-LE-BOL! L'accueil des migrants pour eux, c'est toujours bon, mais uniquement chez les autres et avec l'argent des autres! #UltimeDébat #Le26MaiVotezRN*. 23 maio. 2019. Twitter: @J_Bardella. Disponível em: https://twitter.com/J_Bardella/status/1131661709465280512. Acesso em: 15 jul. 2019.

CLANDESTINO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, S.A, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/clandestino>. Acesso em: 20 ago. 2019.

COHEN, Adam. Why the Democrats need to stop thinking about elephants. *The New York Times*, 15 nov. 2004. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2004/11/15/opinion/why-the-democrats-need-to-stop-thinking-about-elephants.html>. Acesso em: 8 jul. 2019.

CRYSTAL, David. *Internet linguistics: a student guide*. London: Routledge, 2011.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança*. Brasília: EDU - UNB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. Discourse and text: linguistic and intertextual analysis within discourse analysis. *Discourse & Society*, v. 3, n. 2, p. 193-217, Apr. 1992.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. Argument, deliberation, dialectic and the nature of the political: a CDA perspective. *Political Studies Review*, v. 11, p. 336–344, Sep. 2013.

FAIRCLOUGH, Isabela; FAIRCLOUGH, Norman. *A procedural approach to ethical critique in CDA*. Preston: University of Central Lancashire, jan. 2018. Disponível em: <https://clouk.uclan.ac.uk/21356/1/Ethics%20and%20CDA.CDS.2018.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2019.

FILLMORE, C. J. Frame Semantics. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing Company, 1982. p. 111-137.

GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

HART, Christopher. *Critical discourse analysis and cognitive science*. New perspectives on immigration discourse. London: Palgrave Macmillan, 2010.

IMIGRANTE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa. Lisboa: Priberam Informática, S.A, 2019. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/imigrante>. Acesso em: 20 ago. 2019.

LAKOFF, G. *Moral politics: how liberals and conservatives think*. Chicago: The University of Chicago Press, 2016.

LAKOFF, G. *The political mind: a cognitive scientist's guide to your brain and its politics*. New York: Viking Penguin, 2008.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LE PEN, Marine. “*Dans cette élection, il y a un enjeu de civilisation. Je fais bien sûr référence à l’immigration-submersion, qui est une constante de la politique européenne et qui est la marque du pouvoir macronien en France.*” #Le26MaiVotezRN. 24 maio. 2019. Twitter: @MLP_Officile. Disponível em: https://twitter.com/MLP_officiel/status/1132005017102290949. Acesso em: 15 jul. 2019.

LE PEN, Marine. «*Derrière l’immigration, il n’y a pas seulement la ruine de nos systèmes sociaux, il y a, on le sait, l’insécurité et l’islamisme, qui sont les prolongements constatés de cette irresponsabilité migratoire.*» #Le26MaiVotezRN. 24 maio. 2019. Twitter: @MLP_Officile. Disponível em: https://twitter.com/MLP_officiel/status/1132004212966141952. Acesso em: 15 jul. 2019.

LE PEN, Marine. *Il est INADIMISSIBLE de voir des clandestins revendicatifs occuper, en toute impunité, ce haut lieu de la République qu’est le #Panthéon. En France, Le seul avenir d’un clandestin devrait être l’expulsion, car c’est la LOI. MLP.* 12 jul. 2019. Twitter: @MLP_Officile. Disponível em: https://twitter.com/MLP_officiel/status/1149679232156610561. Acesso em: 15 jul. 2019.

LITTLEMORE, Jeannette. *Metonymy: hidden shortcuts in language, thought and communication*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

MOITA LOPES, L. P. (org.). *Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

PANTHÉON. Bienvenue au Panthéon. Página inicial. Disponível em: <http://www.paris-pantheon.fr/>. Acesso em: 8 jul. 2019.

PENNYCOOK, Alastair. Uma Linguística Aplicada Transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (org.) *Por uma Lingüística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. p. 67-84.

RICHARDSON, Laurel. Novas práticas de escrita em pesquisa qualitativa. Tradução de Humberto Issao Sueyoshi. *Revista Urdimento*, v. 2, n. 32, p. 542-561, set. 2018.

TÉSORIÈRE, Ronan. Occupation du Panthéon: qui sont les Gilets noirs? *Le Parisien*, Paris, 13 jui. 2019. Disponível em: <https://www.leparisien.fr/faits-divers/occupation-du-pantheon-qui-sont-les-gilets-noirs-13-07-2019-8115960.php>. Acesso em: 8 jul. 2019.

WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. Translated by G. E. M. Anscombe. Oxford: Basil Blackwell, 1957.